

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

CARLOS ROMEU DEGE

NA PROPOSTA DE JESUS NÃO HÁ DIFERENÇA ENTRE CLERO E LEIGOS/AS:
ANÁLISE HISTÓRICA E ECLESIOLÓGICA NA ARGUMENTAÇÃO PARA A
INSTALAÇÃO DE EQUIPES DE LITURGIA

São Leopoldo

2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CARLOS ROMEU DEGE

NA PROPOSTA DE JESUS NÃO HÁ DIFERENÇA ENTRE CLERO E LEIGOS/AS:
ANÁLISE HISTÓRICA E ECLESIOLÓGICA NA ARGUMENTAÇÃO PARA A
INSTALAÇÃO DE EQUIPES DE LITURGIA

Dissertação de Mestrado Profissionalizante
Para obtenção do grau de Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Mestrado Profissionalizante em Teologia:
Área de Concentração: Liturgia

Orientadora: Sissi Georg Rieff

São Leopoldo

2005

**Aos professores e professoras, colegas do MPL, pela maravilhosa oportunidade de
conviver e crescer em conjunto.**

À Paróquia Evangélica de Confissão Luterana de Três de Maio, pela liberação.

Ao colega Renato Küntzer e família.

Em especial, à minha esposa Nardi, às filhas Priscila e Tatiana!

DEGE, Carlos R. *Na proposta de Jesus não há diferença entre clero e leigos/as*. Análise histórica e eclesiológica na argumentação para a instalação de equipes de liturgia. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 2005.

SINOPSE

Trata-se de uma análise do termo leigo e clero. Quer justificar a participação do/a leigo/a nas celebrações comunitárias. A partir da proposta de Jesus e das primeiras comunidades cristãs, o desejo é de um discipulado de iguais onde todos e todas se engajam em testemunhar a ação de Deus em Jesus Cristo. Na percepção da necessidade de uma ordem eclesiástica surge o episcopado monárquico. Nesta ordem hierárquica, distinguem-se dois estamentos no cristianismo: o clerical e o leigo. Faz-se uma análise panorâmica dos estamentos clerical e leigo nos primeiros séculos. No segundo momento, dois conceitos de Martinho Lutero tornam-se relevantes para compreender os termos, leigo e clero: justificação por graça e fé, e, sacerdócio de todos os crentes. A partir destes dois conceitos desenvolvidos por Lutero, o/a leigo/a e o clero são compreendidos novamente em um mesmo estamento a partir do batismo. O século XIX, marcado pela reforma prussiana nas igrejas protestantes germânicas, alimenta, novamente, uma diferença de estamento entre o/a leigo/a e o clero. Surge uma nova forma de dominação do clero sobre o/a leigo/a. Concluindo esta parte, levantam-se questionamentos sobre os motivos que fazem com que os/as leigos/as não sejam bem aceitos/as na realização de tarefas, vistas como exclusivas de um/a ministro/a ordenado/a, em âmbito da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB. A terceira parte, busca concluir a compreensão neotestamentária de ministério. Avalia-se documentos confessionais e normativos da IECLB sobre ministério e possíveis causas do surgimento de um jargão: pastor-centrismo. Por fim, busca-se compreender o que é uma equipe de liturgia; por que o envolvimento de pessoas não-ordenadas é importante para a vida comunitária, para a vida celebrativa. Numa análise de ordenações, encontra-se orientações para a elaboração de uma liturgia de instalação de uma equipe de liturgia.

DEGE, Carlos R. *Na proposta de Jesus não há diferença entre clero e leigos/as*. Análise histórica e eclesiológica na argumentação para a instalação de equipes de liturgia. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 2005.

ABSTRACT

[This work seeks to make] an analysis of the terms “laity” and “clergy.” It supports the participation of lay people in celebrations that happen in the congregations. By looking at the proposal of Jesus Christ and the first Christian communities, this work reassures the importance of the discipleship of equals, where everyone is engaged in the testimony of God’s action in Jesus Christ. The necessity of order within the Church created what is known as monarchical episcopate. This hierarchical order divided Christians in two different kinds: clergy and laity. This work analyses the understanding of the terms “clergy” and “laity” in the first centuries of the Christian Era. In a second moment, two concepts of Martin Luther become relevant to better understand the aforementioned terms: justification by grace and faith and priesthood of all believers. Based upon his understanding of baptism, Luther used those concepts to give laity and clergy the same level of importance. The Prussian reformation that the German Protestant churches experienced in the nineteenth century went back in time and reassured the differentiation between laity and clergy. The result was that clergy dominated the laity once more. To conclude this part, this work raises questions about why lay people are not well accepted in certain church activities of the Evangelical Lutheran Church in Brazil (*IECLB*)—activities expected to be performed only by ordained people. The third part of this work seeks to make an overview of the New Testament understanding of ministry. It evaluates confessional and normative documents of the *IECLB* regarding ministry; it also seeks the reasons for the appearance of the practice of “pastorcentrism.” At last, this work tries to understand what is an “*equipe de liturgia*” (liturgy working group), and why is the participation of non-ordained people important for the community’s celebrative life. Within the analysis of ordinations, this work offers orientations for the creation of a liturgy of installation for the “*equipes de liturgia*.”

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
I - NA PROPOSTA CRISTÃ DE UM DISCIPULADO DE IGUAIS NÃO HÁ ESPAÇO PARA LEIGOS	10
1.0 – Primeiras comunidades cristãs: um discipulado de iguais.....	10
1.1 – Jesus de Nazaré: o início de um movimento judeu.....	10
1.2 – O início do testemunho dos seguidores e seguidoras de Jesus.....	11
1.3 – Surgem os primeiros grupos.....	12
1.3.1 - O Batismo.....	13
1.3.2 - A Eucaristia	14
1.4 – Uma primeira compreensão da comunidade cristã.....	14
2.0 – Hierarquização elimina o discipulado de iguais?.....	16
2.1 – Existe leigo e clero no Novo Testamento?.....	16
2.2 – O termo grego <i>kleros</i>	17
2.3 – O termo “leigo”	17
3.0 – O desenvolvimento hierárquico e o surgimento do laicato.....	18
3.1 – Comunidade carismática	18
3.2 – Surge uma hierarquia	19
3.3 - A hierarquização e o surgimento do leigo	20
II - SACERDÓCIO GERAL DE TODOS OS CRENTES JUSTIFICANDO A PARTICIPAÇÃO LEIGA NO MINISTÉRIO ECLESIASTICO	26
1.0 - Sacerdócio de todos os crentes a partir de Martinho Lutero	26
1.1 – Justificação por graça e fé	26
1.2 – Sacerdócio de todos os crentes.....	28
2.0 – Sacerdócio geral e ministério ordenado na visão de Martinho Lutero.....	30
2.1 – Leigos e sacerdotes têm a mesma tarefa	30
2.2 – Sacerdócio geral: necessidade de uma ordem	32
3.0 – O que interrompeu a vivência do sacerdócio de todos os crentes?.....	35
3.1 – Breve relato sobre a Reforma Prussiana	35
3.2 – Questionamentos atuais.....	37
III - EQUIPES DE LITURGIA: ORDENADOS OU INSTALADOS?	39
1.0 – Compreensão de ministério.....	39
1.1 – Ministério: concepção neotestamentária.....	39
1.2 – Documentos da IECLB referente a ministério com ordenação.....	40
2.0 – O pastor-centrismo	42
3.0 - Equipes de Liturgia	43
3.1 – Conceituação de Equipe de Liturgia.....	43
3.2 - Porque envolver pessoas não-ordenadas numa Equipe de Liturgia?	44

4.0 – Ordenação ou instalação?	45
4.1 - Ordenação e Instalação na IECLB – qual a diferença?	45
4.2 - Elementos bíblicos e históricos da ordenação/instalação	46
5.0 - Características e orientações para planejar instalações de Equipes de Liturgia	48
CONCLUSÃO	50
BIBLIOGRAFIA	53
ANEXO 1	57

INTRODUÇÃO

Vive-se em uma atualidade cristã que tem presente o antagonismo entre clero e leigo. Por mais que existam iniciativas de democratizar o culto, as atividades eclesíásticas, os pré-conceitos intrínsecos fazem suscitar uma diferenciação entre quem pode e quem não pode realizar determinada tarefa na comunidade cristã. Vive-se entre o sagrado e o secular, entre o clero e o leigo. Para uma melhor compreensão de nossa atualidade eclesial, torna-se imperativo colocar algumas perguntas: Qual é a proposta da igreja cristã? O que quis Jesus de Nazaré?

No primeiro capítulo, olhar-se-á de forma panorâmica para as primeiras comunidades cristãs e a evolução do cristianismo. Tentar-se-á definir o que quis Jesus e a proposta organizacional das primeiras comunidades cristãs. Ao lado, vem a pergunta sobre como as primeiras comunidades cristãs se auto-compreendiam. Porque surge um estamento leigo e outro clerical? Quais foram as conceituações que leigos e clero receberam na história? Era a proposta de Jesus e das primeiras comunidades cristãs o surgimento de um laicato ou um clericalismo hierárquico?

A metodologia de trabalho e pesquisa utilizada é de proporcionar um olhar panorâmico sobre a forma organizacional das primeiras comunidades cristãs, acentuando a comunidade primeva¹ de Jerusalém. Bem como, olhar-se-á ao desenvolvimento de uma hierarquia na igreja cristã. Supõem-se que a hierarquização da igreja cristã delimitou espaços, criou cismas, destituiu a autoridade de todo o batizado e batizada de participar ativamente da vida de culto da igreja.

No contexto da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB² percebe-se este conflito em relação à tarefa do leigo na vida da comunidade cristã. De um lado, o leigo que busca seu espaço de participação e, de outro lado, outros leigos e obreiros ordenados³ com resistência à participação dos que buscam esta inserção. Aqui não se pode generalizar.

¹ O termo “Comunidade primeva” – refere-se à comunidade cristã iniciada em Jerusalém. “Primeiras comunidades cristãs” – refere-se às comunidades em geral, também a iniciada em Jerusalém.

² Doravante designada – IECLB.

³ A IECLB reconhece quatro ministérios com ordenação, os quais são: pastoral, catequético, diaconal e missionário. Mais orientações sobre cada um dos ministérios. Ver em: IECLB, *Estatuto do ministério com Ordenação*, p. 1-9.

São impressões pessoais⁴. Mas são elas que motivam esta pesquisa. Para encontrar respostas, busca-se, no segundo capítulo, em Martim Lutero, promotor da reforma luterana no século XVI, da qual nasce confessionalmente a IECLB, a compreensão do papel do leigo e do ministro ordenado na vida da Igreja Luterana. Tratar-se-á, também, da “Doutrina da Justificação por Graça e Fé” e do “Sacerdócio de todos os crentes”. Por delimitação de espaço, não será possível aprofundar a pesquisa bíblica e nem o contexto histórico do século XVI. Buscar-se-á a essência do pensamento de Martim Lutero quanto à diferença que existe entre o “Sacerdócio de todos os crentes” e os “Ministérios”. O objetivo é perceber, na argumentação de Lutero, qual é o papel da pessoa leiga e da pessoa ordenada.

Na IECLB, o conceito teológico de culto é: encontro da comunidade com Deus sob responsabilidade de toda a comunidade cristã, não apenas do pastor⁵. Diante deste conceito pergunta-se: Por que, na prática de várias comunidades, o culto passou a ser uma tarefa exclusiva do pastor? Olhar-se-á, brevemente, para a Reforma Prussiana no século XIX, visto que, muito provavelmente, grande parte dos membros da IECLB é diretamente influenciada por se tratar de descendentes de imigrantes germânicos. Por fim, relacionar-se-á alguns questionamentos que, em tese, respondem ao motivo da separação entre ordenados e leigos.

Diante desta busca pelo espaço do leigo a uma participação ativa na vida de culto vem a pergunta: Como fazer que o discipulado de iguais, o sacerdócio geral, seja vivido de tal forma que as diferenças entre clero e leigo desapareçam ou sejam minimizadas? Como fazer as comunidades cristãs aceitarem e reconhecerem que, a partir do batismo, todos os cristãos, todas as cristãs, estão em um mesmo estamento? Estes questionamentos querem auxiliar, no terceiro capítulo, às comunidades cristãs a compreenderem que a participação de pessoas não ordenadas é legítima na celebração do culto comunitário e na administração dos sacramentos. A criação e a instalação de uma equipe de liturgia é amparada pela proposta de um discipulado de iguais e o sacerdócio de todos os crentes. Por isso, esta pesquisa, propõe orientações para planejar liturgias para a instalação de equipes litúrgicas.

⁴ Carlos Romeu Dege é Obreiro Pastor da IECLB há onze anos e atualmente exerce o ministério na cidade de Três de Maio-RS.

⁵ IECLB, *Livro de Culto*, p.22.

I - NA PROPOSTA CRISTÃ DE UM DISCIPULADO DE IGUAIS NÃO HÁ ESPAÇO PARA LEIGOS

1.0 – Primeiras comunidades cristãs: um discipulado de iguais⁶

1.1 – Jesus de Nazaré: o início de um movimento judeu

Jesus, nascido judeu, inicia um movimento de renovação dentro do judaísmo⁷. Seus seguidores e seguidoras eram compostos por pessoas pertencentes ao judaísmo, os quais aderiram ao movimento de Jesus e o propagaram⁸. Hans Küng relata que estes judeus eram integrantes de classes sociais mais baixas, englobava mulheres, originava-se de uma população rural, como o próprio Jesus, filho de artesãos⁹. Os seus seguidores viam em Jesus o Messias esperado. Objetivava-se que a totalidade do povo de Israel o reconhecesse como tal¹⁰. Este movimento de renovação, dentro do judaísmo, foi inovador e propunha um discipulado de iguais¹¹. Foi inovador por abrir espaço para muita gente marginalizada e excluída da sociedade judaica¹².

Este movimento de renovação, de iguais, encontrou resistências, suscitou adversários. Hans Küng relaciona os adversários dizendo:

Los adversarios de Jesús pertenecían, pues, sobre todo, a la estrecha clase social media, urbana, pequeño-burguesa (en su mayoría fariseos), que sostenía el primado de la Ley, así como a la tenue clase social alta, también urbana

⁶ O conceito “Discipulado de Iguais”, o qual é adotado neste trabalho, foi cunhado pela teóloga feminista Elisabeth Schüssler Fiorenza. Este conceito fundamenta-se na igualdade dos/as filhos/as de Deus onde todos/as são chamados para o discipulado. Mais informações na obra: E.S.FIORENZA, *Discipulado de iguais: uma ekklesialogia feminista crítica da libertação*.

⁷ M.J.STRÖHER, *A Igreja na casa dela*, p. 13.

⁸ M.J.STRÖHER, *A Igreja na casa dela*, p. 13.

⁹ H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 82.

¹⁰ H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 87.

¹¹ M.J.STRÖHER, *A Igreja na casa dela*, p. 14.

¹² M.J.STRÖHER, *A Igreja na casa dela*, p. 15.

(sobre todo saduceos), que detentaba posiciones lucrativas en torno al Templo y a la que el mensaje de Jesús intranquilizó no sólo en su conciencia religiosa, sino también en su conciencia social¹³.

Estes adversários levaram à condenação e morte de Jesus, mas não conseguiram eliminar o movimento iniciado por ele.

1.2 – O início do testemunho dos seguidores e seguidoras de Jesus

A ressurreição de Jesus é o evento central da continuidade do movimento de Jesus, mas é visto como um evento externo. Assim como a ressurreição é uma ação de Deus em Jesus¹⁴, a continuação do movimento se dá “através de uma inesperada intervenção de fora (...) algo deve ter acontecido, algo que despertou, em todos esses homens [os doze discípulos] de forma alguma preparados, subitamente a convicção de que Deus lhes havia mostrado o Jesus ressurrecto”¹⁵. Segundo Werner G. Kümmel, a continuidade do movimento de Jesus é ação do próprio Deus ao enviar o Espírito Santo no dia de Pentecostes¹⁶. É pela ação do Espírito Santo que os discípulos chegam à fé na ressurreição. A fé na ressurreição levou à ação de testemunho. Assim diz Pedro em At 2.32-33¹⁷: “A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vede e ouvis”.

A fé, entendida como confiança incondicional em Deus, é o fundamento das primeiras comunidades cristãs¹⁸. Os seguidores e as seguidoras de Jesus se sentiram chamados a continuar a pregação de Jesus enfatizando a ressurreição e a esperança escatológica como um novo elemento¹⁹, o que lhes distinguiu do judaísmo, bem como, a prática de um discipulado de iguais com a ausência de uma hierarquia.

¹³ Hans KÜNG, *El cristianismo*, p. 83.

¹⁴ Assim o testemunha 1Co 15.4, Lc 24.34, At 10.40 onde se acentua o termo *foi ressuscitado*, conforme W.G. KÜMMEL, *Síntese Teológica do Novo Testamento*, p. 115-116.

¹⁵ W.G. KÜMMEL, *Síntese Teológica do Novo Testamento*, p. 117.

¹⁶ W.G. KÜMMEL, *Síntese Teológica do Novo Testamento*, p. 118.

¹⁷ Neste trabalho usa-se a versão da Bíblia Sagrada, ed. revista e atualizada, 2ªed, de João Ferreira de Almeida.

¹⁸ H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 87-88.

¹⁹ W.G. KÜMMEL, *Síntese Teológica do Novo Testamento*, p. 118.

1.3 – Surgem os primeiros grupos

Os seguidores de Jesus reúnem-se a partir de Jerusalém²⁰, em casas particulares²¹, organizando-se de forma muito espontânea²², dando início às comunidades domésticas²³. A casa se torna o local de encontro da maioria dos grupos²⁴. A comunidade primeva, apesar de iniciar novos costumes, continuava a freqüentar o templo e o antigo culto judaico²⁵. Eles cumpriam as leis judaicas e eram identificados, inicialmente, como um dos diversos grupos judaicos existentes²⁶. O que os diferenciava, além da prática de um discipulado de iguais, era o testemunho da ressurreição de Jesus²⁷.

Esta ligação com o judaísmo se justifica pelo fato dos primeiros seguidores viverem em esperança escatológica e crerem que o judaísmo reconheceria Jesus de Nazaré como o Messias anunciado pelos profetas²⁸. Entretanto, muito cedo, surge a necessidade de criar comunidade separada do judaísmo, pois via-se no Messias expectativas diferenciadas²⁹. Surgem as comunidades **crístocêntricas**. Elas adotam em sua prática símbolos diferenciadores que lhes identificam com uma característica particular. As comunidades adotam um rito de iniciação: o batismo³⁰; e, um rito de comunhão: a celebração da Ceia do Senhor³¹.

²⁰ Mesmo sendo atribuído a Jerusalém o início da comunidade primeva, há indícios de discípulos que vieram da Galiléia, supondo-se que podiam existir reuniões de outros grupos antes de Jerusalém. Assim apresenta W.G. KÜMMEL, *Síntese Teológica do Novo Testamento*, p. 142-143.

²¹ Para um aprofundamento sobre o assunto local de culto e a história da arquitetura litúrgica, seu desenvolvimento, há um aprofundado estudo em J.WHITE, *Introdução ao culto cristão*, p. 73-83.

²² S.G.RIEFF, *Diaconia e culto cristão*, p. 40.

²³ Isto é atestado em At 2.46, entre outros, bem como por A.G.MARTIMORT, *A Eucaristia – Igreja em Oração*, p. 51. Também atestado por M.J.STRÖHER, *A Igreja na casa dela*, p. 15.

²⁴ M.J.STRÖHER, *A Igreja na casa dela*, p. 15.

²⁵ A.G.MARTIMORT, *A Eucaristia – Igreja em Oração*, p. 51.

²⁶ Havia no judaísmo daquele tempo diversos grupos: fariseus, saduceus, essênios, povo de Qumrã, ... todos se consideravam os verdadeiros judeus. W.G.KÜMMEL, *Síntese Teológica do Novo Testamento*, p. 143-145.

²⁷ W.G.KÜMMEL, *Síntese Teológica do Novo Testamento*, p. 145.

²⁸ H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 87.

²⁹ H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 89.

³⁰ Não é a intenção deste trabalho aprofundar o tema batismo. Lembra-se, somente, que no judaísmo havia outras formas de batismo. Referente a estas formas e outras informações para aprofundamento, H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 90; J.WHITE, *Introdução ao culto cristão*, p. 153ss.

³¹ O objetivo de citar a Ceia do Senhor é de identificá-la como prática da vida da comunidade cristã desde o primórdio. É nas práticas comunitárias que identificaremos o papel do leigo. Por este motivo não se fará estudo aprofundado do tema, apontar-se-á, somente, de forma sucinta seu significado. Maiores informações: J.WHITE, *Introdução ao culto cristão*, p. 175-203; referente ao ágape: S.G.RIEFF, *Diaconia e culto cristão*, p. 43-47.

1.3.1 - O Batismo

Ingressa na comunidade cristã quem recebe o batismo em nome de Jesus. Não se sabe ao certo quando veio esta ordem de batizar, mas referente a esta problemática, Küng resume dizendo que:

Aunque la pospascual “orden de bautizar” de Jesús no es histórica, la comunidad se sintió **autorizada por Jesús y por su mensaje para imponer el bautismo**. En realidad, no hubo una “institución” formal de um rito de bautismo: los primeros testimonios se remontam al tiempo inmediatamente posterior a la muerte de Jesús. (...) La comunidad bautizaba entonces en recuerdo no sólo del bautismo de Juan, sino del bautismo propio de Jesús; más aún, bautizaba **“en el nombre de Jesús”**³².

No contexto judaico, ser batizado **“em nome de”** representa uma linguagem jurídica que denota a posição e a autoridade deste nome no qual se é batizado³³. Para isto, se confessa de forma visível e pública a fé em Jesus. O crente se entrega completamente ao Senhor elevado e se coloca sob sua soberania e proteção³⁴. Assim mostra o texto de At 8.35-38. Este texto é o relato mais detalhado de um batismo, e é “determinante para toda a evolução [do rito batismal] subsequente”³⁵.

No batismo, o batizando recebe perdão dos pecados, participação na vida de Cristo, em seu Espírito, e em sua relação filial com Deus³⁶. É a porta de entrada para a divindade de Jesus³⁷, onde o batizando recebe a capacitação do Espírito Santo e os dons do mesmo, pertencendo ao povo sacerdotal de Cristo como relata o texto de 1 Co 12.13: “Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito”. Conforme Gálatas 3.26-28 esta unidade a partir do batismo coloca também homens e mulheres lado a lado.

Nas primeiras comunidades cristãs, o batismo unia os mais diferentes e os capacitava com dons, através do Espírito Santo, para viverem o discipulado dos iguais³⁸. A compreensão

³² H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 90.

³³ H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 90.

³⁴ H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 90.

³⁵ J.WHITE, *Introdução ao culto cristão*, p. 155.

³⁶ H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 90.

³⁷ W.G.KÜMMEL, *Síntese Teológica do Novo Testamento*, p. 126.

³⁸ M.J. STRÖHER, *A Igreja na casa dela*, p. 20.

do batismo é sintetizada no texto de 1 Pe 2.9-10³⁹. O texto apresenta a indicação de uma separação entre a comunidade cristã e o judaísmo, e a distinta tarefa que possuíam.

1.3.2 - A Eucaristia

O que une a comunidade cristã de batizados é a celebração de uma refeição. Diz o texto de At 2.46: “Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração,...”. Esta prática, que recebe diferentes nomes⁴⁰, tem sua origem nos relatos de Mc 14.22-25, Mt 26.26-29, 1 Co 11.23-26 e Lc 22.15-20, os quais fazem referência à última ceia de Jesus com seus discípulos. Küng mostra que Jesus não inventa um novo rito, mas concede uma nova interpretação em uma hora dramática a um rito que já existia na comunidade judaica⁴¹. Küng⁴² resume o significado dado a esta refeição: a eucaristia (festa de ação de graças) é como uma festa comemorativa (anámnesis)⁴³, que se torna comida de aliança e comunhão que expressa uma esperança escatológica na forma aramaica citada pelo apóstolo Paulo em 1 Co 16.22, “marána-tha”, o que significa, “nosso Senhor, vem!”⁴⁴.

A eucaristia é uma refeição sagrada que une os e as participantes com o seu Salvador e os/as leva à uma ação concreta de serviço, de comunhão⁴⁵.

1.4 – Uma primeira compreensão da comunidade cristã

Pelo batismo e pela celebração da eucaristia a comunidade cristã se identificava cada vez mais com Jesus Cristo como o verdadeiro Messias. Ao desenvolver estas práticas ao lado do culto judaico e da sinagoga, reunindo-se em casas, o que decisivamente promoveu o

³⁹ Especula-se que este texto é um sermão batismal. Veja em J.WHITE, *Introdução ao culto cristão*, p. 156.

⁴⁰ Eucaristia, Ceia do Senhor, partir o pão, liturgia divina, missa, santa comunhão, santa Qurbana, memória do Senhor, ... J.WHITE, *Introdução ao culto cristão*, p. 175.

⁴¹ H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 92.

⁴² H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 92.

⁴³ Quanto ao termo “anámnesis”, J.White conceitua: “Nenhum termo no vernáculo transmite sozinho seu sentido pleno; lembrança, recordação, representação, experiência renovada são apenas fracas aproximações. *Anámnesis* expressa o sentido de que, ao repetir essas ações, a pessoa volta a vivenciar a realidade do próprio Jesus presente.” J.WHITE, *Introdução ao culto cristão*, p. 175.

⁴⁴ W.G.KÜMMEL, *Síntese Teológica do Novo Testamento*, p. 127.

⁴⁵ A refeição comunitária era, também, momento de partilha, de ajuda aos necessitados. Veja mais na página 14.

surgimento de lideranças, passa a existir uma nova proposta de viver a fé, surge a comunidade de iguais alicerçada no que diz o texto de Gl 3.26-28⁴⁶.

O movimento de Jesus dá início a uma prática de vida diferenciada. Este discipulado de iguais tem, como identidade central, a diaconia motivada pelo exemplo de Jesus. Este foi o paradigma desafiador central. Propôs-se uma nova forma de viver a fé⁴⁷. E esta forma se caracterizava por uma ação diaconal concreta. Assim o demonstra Sissi,

Muitos foram os gestos diaconais concretos, visíveis e perceptíveis das primeiras comunidades. A partir do ágape, trabalhava-se a consciência das implicações da vida comunitária cristã: exercer a hospitalidade, socorrer famintos e sedentos, ofertar recursos para dar suporte material a famílias e pessoas que precisam, planejar a visitação, cuidar dos doentes e idosos, educar e criar órfãos, consolar os desanimados, enlutados e presos, e ainda amparar outras comunidades em necessidade. Os primeiros cristãos procuraram levar a sério o mandamento do amor ao próximo e constituir-se uma “irmandade de serviço”. A partir dessa atuação, o cristianismo desafiou as pessoas para a conversão e o sentimento humanitário, e o Estado para a responsabilidade social⁴⁸.

Os primeiros séculos foram marcados por mudanças e afirmações da comunidade primeva. Este desenvolver a partir dos ensinamentos de Jesus, fez com que houvesse cada vez mais um distanciamento do judaísmo. Esta contracultura desencadeada pela vivência de um discipulado de iguais gerou muita incompreensão e não-aceitação do cristianismo, principalmente, pelas lideranças judaicas.

“Os cristãos foram acusados e perseguidos pelo governo político. Além disso, em especial no primeiro século, a vida dos cristãos foi dificultada ainda mais pelos obstáculos advindos do ódio e da inveja das lideranças religiosas judaicas, que resultaram em prisão de líderes, mortes e dispersão dos cristãos⁴⁹”.

⁴⁶ M.J.STRÖHER, *A Igreja na casa dela*, p. 20.

⁴⁷ M.J.STRÖHER, *A Igreja na casa dela*, p. 20.

⁴⁸ S.G.RIEFF, *Diaconia e culto cristão*, p. 39.

⁴⁹ S.G.RIEFF, *Diaconia e culto cristão*, p. 40.

A partir desta consciência de comunidade que se entende como um discipulado de iguais, um sacerdócio santo, um só corpo, que surge a pergunta: por que passa a existir o leigo? Por que surge um clero? O que causa a quebra deste discipulado de iguais?

2.0 – Hierarquização elimina o discipulado de iguais?

2.1 – Existe leigo e clero no Novo Testamento?

No Novo Testamento, não há nenhum indício do termo leigo, assim como nós o conhecemos, antagônico ao clero⁵⁰. No primeiro século da era cristã não existem funções sacerdotais exclusivas a um só grupo de pessoas e nem um laicato, mas um só povo santo⁵¹. É bem provável que o termo não seja usado no nível eclesial pelo fato de Jesus ter proposto um discipulado de iguais. A. Faivre resume:

O próprio Cristo se colocou acima de tudo o que, na sociedade judaica de seu tempo, poderia introduzir uma categorização ou uma desigualdade entre os homens chamados por Deus. Recusando os preconceitos, com o risco de causar escândalo, ele come com os publicanos, convive com os samaritanos, fala com as mulheres de má vida, ousa levantar a voz diante das autoridades religiosas com o risco de pagar tudo isso com a vida. Como uma tal atitude poderia tê-lo conduzido a instituir, para o futuro, diferentes classes sociais de cristãos?⁵²

A partir deste conceito de comunidade onde todos os crentes são colocados em patamar de igualdade, não há espaço para diferenciação; pelo menos, no que tange a uma hierarquização entre clero e leigo.

⁵⁰A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 17.

⁵¹A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 21.

⁵²A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 17-18.

2.2 – O termo grego *kleros*

Contraopondo nossos conceitos atuais, esta comunidade de iguais que se autodenominava de santos, eleitos, escolhidos, separados, é que formava, nas primeiras comunidades cristãs, o clero. O termo grego *kleros*, em sua origem, designava a sorte, ou instrumento que se usava para tirar a sorte. *Kleros* também designava a parte que foi tirada por sorte, seja uma sorte material como uma herança, um pedaço de terra, quer seja constituída por um estatuto ou encargo social⁵³. Assim, Matias recebeu o *Kleros* do décimo segundo apóstolo que estava vago e tomou o lugar de Judas⁵⁴. Para os primeiros cristãos e cristãs o *kleros* designava a grande sorte de pertencer a Jesus Cristo, ser seu discípulo, sua discipula. Faivre, afirma,

Os cristãos têm a sorte de ao mesmo tempo serem co-herdeiros de Cristo e de constituírem uma porção posta à parte desde que foram marcados com o selo do Espírito da promessa. E o que justifica a pertença a essa porção não é uma função qualquer de governo ou de direção, nem um grau mais avançado na santidade, nem um mérito particular, mas a pertença ao povo⁵⁵.

2.3 – O termo “leigo”

Provavelmente a primeira compreensão de leigo, assim como nós hoje o compreendemos, advém das cartas pastorais de Paulo. O apóstolo usa o vocábulo grego *idiotais*. De acordo com a sociedade da época, o termo *idiotais* se referia às pessoas da iniciativa privada e que não tinham funções públicas; às pessoas sem formação antagonicamente aos sacerdotes, juízes e filósofos; e, aos de fora, em relação aos membros da igreja⁵⁶. O termo *idiotais* é empregado no Novo Testamento cinco vezes, e em nenhuma delas para diferenciar entre membros leigos e sacerdotes⁵⁷, ou seja, referindo-se a clero e leigo como duas categorias distintas em autoridade eclesial. Refere-se, isto sim, a “iletrados e

⁵³ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 20.

⁵⁴ At 1.26. Outras passagens onde se usa o termo *kleros*: Cl 1.12 (clero dos santos); At 20.32 e 26.18 (herança); IPe 1.4 (herança incorruptível); Gl 3.29 (herdeiros segundo a promessa).

⁵⁵ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 20.

⁵⁶ O.FLENDER, *Laie*, p. 831.

⁵⁷ O.FLENDER, *Laie*, p. 831.

incultos” em At 4.13; “falto no falar” em 2Co 11.6; “indouto” em 1Co 14.16; “indoutos e incrédulos” em 1Co 14.23 e 24.

Alexandre Faivre levanta possibilidades para um significado na comunidade para o termo *idiotais*, referindo-se precisamente ao texto de 1Co 14.16-19. Sugere que o termo pode referir-se a não-iniciados, simpatizantes não convertidos, catecúmenos, fiéis sem carisma algum ou que não possuem função específica no culto⁵⁸. Em todo caso, segundo Alexandre Faivre, pode-se afirmar que “não existe nas comunidades do primeiro século uma função sacerdotal independente que fosse exercida por uma casta ou por um ministro particular”⁵⁹.

3.0 – O desenvolvimento hierárquico e o surgimento do laicato⁶⁰

3.1 – Comunidade carismática

As primeiras comunidades cristãs se expandem através de uma ação missionária de todos e todas as integrantes deste movimento. É uma ação dos santos, ou seja, todos e todas que invocam o nome de Jesus⁶¹. É na Antioquia que os discípulos são chamados pela primeira vez de “cristãos”⁶². Esta igreja dos seguidores e seguidoras de Jesus, judaico-cristã, era democrática. Não era constituída por um regime de dominação, mas de livres. Não era igreja de classes, raças ou castas, mas onde todos e todas eram basicamente iguais, irmãos e irmãs, com uma prática de inclusão⁶³. Isto não significa que todos são iguais, uniformes, há uma diversidade de dons. Na teologia paulina se usa o termo grego “carismas” para descrever os diferentes serviços e funções exercidas na Igreja⁶⁴.

⁵⁸ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 22.

⁵⁹ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 21.

⁶⁰ Por delimitação de páginas, não faremos aqui um estudo pormenorizado de como a comunidade se organizava, quais as funções que eram realizadas e quem as realizava. Optamos em fazer uma descrição periférica sem uma grande preocupação cronológica. O objetivo é transmitir ao leitor os conceitos e a visão que a hierarquia eclesíástica promoveu aos leigos.

⁶¹ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 19.

⁶² At 11.26.

⁶³ H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 95-96.

⁶⁴ L.C.HOCH, *O Ministério dos Leigos: Genealogia de um Atrófiamento*, p. 258.

Esta relação entre os diferentes carismas é apresentado em 1Co 12.12-31 pelo apóstolo Paulo. Ele usa a imagem de um corpo que possui diversos membros, com funções diversas. Estas diversas funções, conforme 1Co 12.1-11, são dons espirituais concedidos pelo Espírito Santo. Esta imagem de corpo ilustra a Igreja de Cristo, o discipulado de iguais, mas que ao mesmo tempo possui uma diversidade de serviços⁶⁵. Esta diversidade de serviços, estes carismas, não caracterizam uma posição privilegiada de poder, “de monopólio da pregação, de qualquer membro do Corpo de Cristo em relação aos demais”⁶⁶.

Bem possivelmente por este motivo o Novo Testamento omite termos civis como “ministério”, por expressarem uma situação de dominação e hierarquia, o que a comunidade cristã não queria⁶⁷. Para designar esta relação de um para com o outro busca-se, segundo Küng, um termo a-religioso, um tanto pejorativo, para que não se possa associá-lo com autoridade, superioridade ou dominação. Chega-se ao termo grego “diakonia”, termo que originariamente significava o serviço à mesa⁶⁸. Com este termo, diaconia – serviço, conceitua-se a forma de relacionamento que a Igreja buscava, vivenciava. Mostra-se que na Igreja todos são servos. Os diferentes dons ou carismas são serviços que se presta ao próximo em amor, como mostra Lc 22.25-26.

3.2 – Surge uma hierarquia

Sem dúvida na igreja existe autoridade e poder⁶⁹ mas, de acordo com a proposta de Jesus, nunca para dominar, nem para conceder privilégios especiais, senão para o serviço do bem comum. Porque, então, surgem diferenciações neste sonhado discipulado de iguais?

Para se chegar mais próximo de uma resposta, é necessário olhar para a evolução da igreja. Não podemos, neste trabalho, delimitar com muita riqueza de detalhes a evolução eclesiástica. Por isso, a partir de um panorama geral poderemos entender como mudou a

⁶⁵ 1Co 12.5.

⁶⁶ L.C.HOCH, *O Ministério dos Leigos: Genealogia de um Atrofiamento*, p. 258.

⁶⁷ H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 97.

⁶⁸ H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 97.

⁶⁹ Como pode ser visto em Ef 4.11, 15-16 e 1Tm 3.

conceituação das primeiras comunidades cristãs e identificar, com mais facilidade, a compreensão que se deu ao leigo durante esta evolução. Lothar Hoch⁷⁰ mostra esta evolução relatando que no início Cristo e a comunidade estavam juntos. Mais tarde a concepção muda colocando Cristo como o cabeça, faz parte do corpo, da comunidade, mas tornam-se duas grandezas distintas. Mais adiante, como mostram os textos de 1Tm 4.14, 5.22, 2Tm 1.6, os cargos de liderança e de pregação são destacados pela imposição de mãos, uma ação herdada da tradição judaica⁷¹. Até aqui existe o Cristo, o Presbítero⁷² e a Comunidade. Surge a doutrina da sucessão apostólica. O clero autorga-se o monopólio da palavra, o status sacerdotal diferenciado. Aos leigos cabe cuidar da esfera temporal. Desta evolução surge o estamento clerical e secular.

Nesta evolução da igreja, o leigo e o clero, como antagônicos, vão surgindo. Para Alexandre Faivre⁷³, que faz um aprofundado estudo do leigo nos cinco primeiros séculos da igreja cristã, à medida que se evolui na hierarquização, o leigo vai recebendo uma conceituação mais negativa; a mulher perde seu espaço; e, por conseqüência, é mostrado que o discipulado de iguais, a igreja de um sacerdócio dos santos, perde seu lugar.

3.3 - A hierarquização e o surgimento do leigo⁷⁴

Quem pela primeira vez usou um termo que diferenciou a comunidade de um clero sacerdotal foi Clemente de Roma no ano 95 d.C.⁷⁵. Ele designou a comunidade com o termo grego “laos” – povo. Diz ele, “Pois ao sumo-sacerdote foram confiadas tarefas particulares, aos sacerdotes um lugar próprio, aos levitas certos serviços e o leigo [laos] liga-se pelas ordenações exclusivas dos leigos”⁷⁶. Até esta época, o serviço prestado continuava sendo mais importante do que o título dado. Mas, de acordo com o texto de Clemente de Roma, percebe-se que há um conflito onde “alguns agitadores haviam voltado os fiéis contra os presbíteros

⁷⁰ L.C.HOCH, *O Ministério dos Leigos: Genealogia de um Atrófiamento*, p. 258-261.

⁷¹ H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 98.

⁷² Termo que deriva originalmente do título cúltico do ancião na comunidade. Presbíteros, anciãos estavam como a “cabeça” de cada comunidade judaica. H.KÜNG, *El cristianismo*, p. 98.

⁷³ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*.

⁷⁴ Na continuidade apresentamos um breve resumo histórico e as alterações que o termo leigo sofreu, baseado na obra de A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*.

⁷⁵ O.FLENDER, *Laie*, p. 831.

⁷⁶ Clemente de ROMA, *Primeira carta de São Clemente aos Coríntios*, capítulo 40.5.

legitimamente nomeados”⁷⁷. Para que este conflito fosse resolvido Clemente usa várias imagens para demonstrar a disciplina comunitária necessária na igreja. Nestes exemplos usa a organização militar, mostrando que os soldados estão sujeitos a seus comandantes; o funcionamento de um corpo, identificando que há subordinação mútua dos membros de um corpo; e, por último, o exemplo da hierarquia levítica⁷⁸. Para Clemente, todos os cristãos são eleitos, a porção santa, mas isto não impede que se faça uma distinção entre o rebanho e quem é encarregado por ele⁷⁹. Por isso o leigo carrega a definição como aquele “a quem é proibido”, “aquele que não pode”, “aquele que é destinado à obediência passiva”. É preciso ter claro que ainda não existe o leigo e o clero instituído como o compreendemos em nossa atualidade. Por isso, estas definições se dirigem a todos e todas, para que cada um fique na sua função. Afirmava-se que cada cristão tem uma “leitourgia”, termo que designava um serviço no culto, na vida da igreja; mas, que cada um agrade a Deus em seu cargo, sem infringir as regras estabelecidas para a sua função⁸⁰. Aqui o termo “leigo” quer dizer aquele que faz parte da porção vulgar do povo, que não pertence ao patriciado, o “laos” - povo.

Depois de Clemente de Roma, o termo reaparece quase um século depois, com Clemente de Alexandria, no mundo grego, e com Tertuliano, no mundo latino⁸¹. A função do leigo parece estacionar na igreja como tendo a atribuição de obedecer os preceitos carismáticos⁸².

Justino chama os cristãos batizados de iluminados, pois não são apenas discípulos pela inteligência, mas também por todas as dimensões de sua vida e receberam a graça de Deus para partilhar na totalidade do povo de Deus. Também fazem parte dos iluminados os humildes, ignorantes, pessoas incapazes de traduzir em discurso a doutrina, mas esses pequenos pregam por suas obras e fazem discípulos por seu exemplo. A Igreja, para Justino, deve ser toda ela missionária, não aponta diferença entre clérigos e leigos. Em Justino não há sacerdócio ministerial que se sobreponha sobre o sacerdócio universal dos cristãos. Não existe

⁷⁷ Clemente de ROMA, *Primeira carta de São Clemente aos Coríntios*, introdução.

⁷⁸ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 30-31.

⁷⁹ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 31.

⁸⁰ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 34-35.

⁸¹ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 36.

⁸² A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 37.

título que dê preferência a certos cristãos sobre outros. Apresenta, na função do culto, o presidente e os assistidos⁸³.

Resumindo, Faivre, nos diz,

...dos anos 40 a 180, encontramos apenas uma vez a palavra “leigo”. Além disso, era empregada numa imagem veterotestamentária e não diretamente aplicada aos cristãos. Isto significa que houve mais de um século e meio de cristianismo sem leigo, apesar da existência de uma tipologia veterotestamentária e de uma terminologia disponível⁸⁴.

No século III⁸⁵, quando surgem Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, a noção de clérigo se forma e se divulga. As comunidades estão em pleno crescimento numérico e busca-se preservar a pura doutrina, os verdadeiros crentes são poucos, a institucionalização se faz necessária. Ainda existe a idéia de um corpo, mas as qualidades espirituais sobrepõem as funções litúrgicas e os títulos que as acompanham. Nas obras de Tertuliano se apresenta uma estrutura eclesial organizada entre clero e leigo. Os leigos são o povo distinto da ordem sacerdotal ou eclesiástica constituída por bispos, presbíteros e diáconos. Admite que, em casos de necessidade, leigos são perfeitamente dignos para exercer temporariamente funções sacerdotais, mas o exercício comum e normal do sacerdócio necessita de uma ordem a partir de sacerdotes preparados. Para que esta ordem seja preservada os leigos podem participar na escolha dos ministros dignos, sérios e experientes para exercer a função sacerdotal.

O clero, em Tertuliano, era formado por anciãos provados pelo seu testemunho pessoal. A tarefa dos leigos, aqui pensado somente nos homens⁸⁶, era de manter financeiramente estes membros provados que compunham a ordem sacerdotal. Parece que havia um caixa comum que servia para a manutenção do clero, mas também aos carentes⁸⁷.

⁸³ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 40-48.

⁸⁴ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 53.

⁸⁵ O que segue refere-se a A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 59-67.

⁸⁶ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 70.

⁸⁷ Para aprofundar o objetivo deste caixa comum e perceber a ação diaconal existente na igreja, veja S.G.RIEFF, *Diaconia e culto cristão*, p. 48-54.

O leigo, segundo Clemente de Alexandria, não está em outro patamar do que o clero. O leigo é comparado aos presbíteros e aos diáconos, para que estejam em uma mesma disciplina. Devem ter uma postura condizente com o evangelho, ser homem de uma mulher só, cuidar com a forma de viver, no vestir-se, no comportar-se, fugir do supérfluo. Segundo Clemente de Alexandria, bispo, presbíteros, diáconos e leigos são dignos quando fazem e ensinam as coisas do Senhor. Os leigos devem ter uma vida irrepreensível para estarem sujeitos às exigências do sacerdócio⁸⁸.

Orígenes⁸⁹ continua o pensamento de Tertuliano, mas se recusa a colocar os leigos em pé de igualdade com clérigos. Para Orígenes, o termo leigo parece referir-se aos membros batizados monógamos, imaculados, sem rugas, que têm como função desembaraçar o clero de toda preocupação material que os impedisse de se entregarem totalmente ao serviço de Deus. Assim cada um estaria na sua categoria de participação da “leitourgia”, como lembrava Clemente de Roma.

A Tradição Apostólica é o primeiro documento que coloca claramente critérios precisos para a definição de pertença ao clero⁹⁰. Da mesma forma argumenta em favor de uma ordem hierárquica por medo de “heresia ou erro motivado pela ignorância e pelos ignorantes”⁹¹. No ano 200 o clero é composto por um bispo, presbíteros e diáconos⁹². A ordenação do clero é realizada em função do serviço litúrgico.

Com a clericalização ocorre uma infantilização dos leigos. O bispo deve ser o pastor misericordioso, cheio de amor e ternura, deve ser amado. Quem o ouve, ouve a Deus⁹³. Na hierarquia, o bispo passa a representar a Deus; o diácono, no lugar de Cristo; a diaconisa, o Espírito Santo; os anciãos ou presbíteros, os apóstolos; as viúvas e os órfãos, o altar, pois ali

⁸⁸ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 71-76.

⁸⁹ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 77-81.

⁹⁰ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 92.

⁹¹ Tradição Apostólica, 4, In: M.G.NOVAK (trad^a); M.GIBIN (intr.). *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma*, Liturgia e catequese em Roma no século III, p. 37.

⁹² Para maior esclarecimento da tríade clerical veja S.G.RIEFF, *Diaconia e culto cristão*, p. 31-32.

⁹³ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 105.

se depositava as ofertas⁹⁴. Surge a orientação que o leigo não deve julgar nem vigiar o bispo em sua tarefa de gerenciamento das contribuições. Os leigos devem conceder a sustentação da igreja contribuindo para o bispo e às obras diaconais; gerenciadas pelo bispo. Age-se com o bispo da mesma forma como se deve agir com Deus⁹⁵, confiando. Quanto aos deveres familiares dos leigos pede-se que ajam em imagem a Deus e ao bispo. Orienta-se que os leigos vivam na família com regras rígidas de disciplina, assim como agem os bispos em relação aos leigos⁹⁶.

Em Cipriano, o clero deveria se preocupar somente com o serviço divino e serem sustentados pelos leigos. Os leigos tinham o benefício da “sportula”, doação, oferenda⁹⁷. Leigo numa visão positiva é aquele que sustenta o sacerdócio. Numa visão negativa é aquele que não pertence à classe sacerdotal⁹⁸. Com o crescimento da hierarquização, os leigos foram excluídos da tarefa litúrgica e diaconal. Ao final do século III, restava aos leigos assistir, contribuir e participar da eleição do bispo⁹⁹.

Este quadro se complica ainda mais na era pós-constantiniana com as vantagens civis concedidas ao clero¹⁰⁰. O bispo decidia soberanamente quem pertencia ao grupo dos clérigos e quem, ao grupo dos leigos¹⁰¹. Surge uma hierarquia no bispado. O clero é um estamento privilegiado, onde o estamento leigo era considerado punição para o clérigo que se desviava¹⁰². O leigo torna-se refém da burocracia eclesiástica. Pertencer ao clero torna-se sinônimo de membro ativo na igreja e privilegiado em relação ao estado¹⁰³.

Concluindo, pode-se afirmar que, após Constantino, definitivamente há dois estamentos bem distintos: o clero e o leigo. O clero com privilégios civis e com o monopólio das atividades eclesiásticas. O leigo, sem privilégios civis, excluído da possibilidade de

⁹⁴ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 106.

⁹⁵ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 108.

⁹⁶ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 111.

⁹⁷ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 125.

⁹⁸ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 130.

⁹⁹ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 144-147.

¹⁰⁰ Entre estas vantagens está a isenção de impostos. Veja em A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 163-166.

¹⁰¹ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 174.

¹⁰² A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 177.

¹⁰³ A.FAIVRE, *Os leigos nas origens da Igreja*, p. 164-169.

exercer seu sacerdócio nas celebrações, restando-lhe desempenhar o evangelho na prática diária, no relacionamento com o próximo, e, sustentar, com suas contribuições, a atividade eclesial, agora profissionalizada.

Olhando à frente, vemos a reforma da igreja do século XVI que reinterpretou conceitos teológicos existentes. Por isso, é importante ver, na continuidade, como Martinho Lutero se posiciona em relação à compreensão do clero e do leigo.

II – SACERDÓCIO GERAL DE TODOS OS CRENTES JUSTIFICANDO A PARTICIPAÇÃO LEIGA NO MINISTÉRIO ECLESIAÍSTICO

1.0 - Sacerdócio de todos os crentes a partir de Martinho Lutero

1.1 – Justificação por graça e fé

Lutero ingressa na vida eclesiástica enfrentando um conflito pessoal: “Como posso alcançar um Deus misericordioso?”¹⁰⁴, pergunta presente diante da doutrina da predestinação que o fazia ter dúvidas sobre sua salvação e de como alcançá-la. O conflito era potencializado pela prática da doutrina da justificação por obras, doutrina exercida pela Igreja Católica Romana, no século XVI, que previa o cumprimento de vários preceitos, ações e indulgências para alcançar a salvação. Diante deste quadro, Lutero acolhe a orientação da Igreja de que, pela vida monástica, encontraria o caminho para a maior perfeição da vida cristã¹⁰⁵. É na vida monástica que Lutero dedica-se ao estudo das Sagradas Escrituras, leciona sobre as mesmas e, em 1512, torna-se Doutor em Teologia¹⁰⁶.

No estudo da Sagrada Escritura, principalmente no pensamento do apóstolo Paulo¹⁰⁷ em Romanos 1.17, Lutero descobre que a pessoa é salva pela fé em Jesus Cristo e não pelas obras que ela realiza. Descobre, à luz das Sagradas Escrituras, que a justiça de Deus se

¹⁰⁴ G.J.FISCHER, *A Organização da Vida e Missão das Comunidades Cristãs*, p. 9.

¹⁰⁵ A.DREHER, *Martim Lutero*, p. 17.

¹⁰⁶ A.DREHER, *Martim Lutero*, p. 23.

¹⁰⁷ G.J.FISCHER, *A Organização da Vida e Missão das Comunidades Cristãs*, p. 9.

cumpriu na ação salvífica de Jesus Cristo e, Ele, impõe o fim da lei, da necessidade do cumprimento de obras para a salvação¹⁰⁸. A partir desta descoberta, Lutero afirma:

Pois se tu mesmo outra coisa não fosses do que boas obras dos pés à cabeça, assim mesmo não serias justo, nem adorarias a Deus, nem cumpriras o primeiro mandamento, visto que Deus não pode ser adorado a não ser que lhe tribute a glória da verdade e de toda a bondade, como de fato lhe deve ser tributada; isso, porém, não o fazem as obras, mas somente a fé do coração. Pois não é obrando que glorificamos a Deus e o confessamos veraz, mas crendo¹⁰⁹.

A doutrina da justificação por graça e fé fundamenta-se no fato de que Cristo agiu para salvar o seu povo. A obra é dele. Ao cristão cabe aceitar esta ação (graça divina) por meio da fé. Não há nada que o ser humano possa pessoalmente fazer para alcançar a salvação. Como diz Fischer: “Ao invés de exigir, Deus oferece sua justiça aos seres humanos por meio de Cristo. (...) a única justiça capaz de agradar a Deus é aquela por meio da qual se vive a partir da fé em Cristo¹¹⁰.” A fé se torna a principal obra. A fé faz o cristão, movido pela graça concedida por Jesus Cristo, agir em serviço ao próximo¹¹¹.

Esta descoberta faz com que Lutero entre em choque com a hierarquia da Igreja, pelo fato da mesma defender a justificação por obras. Lutero não rejeita as obras da fé. Rejeita, isto sim, a compreensão que se concedeu às mesmas, isto é, como necessárias à salvação. Ele defende que a fé leva a agir a partir do exemplo de Jesus Cristo. A fé desafia a servir sem buscar vantagem pessoal, mas sim, buscar a necessidade e a vantagem do próximo. Lutero afirma:

Por isso, tal qual o Pai celeste nos auxiliou gratuitamente em Cristo, devemos também nós auxiliar a nosso próximo gratuitamente pelo corpo e suas obras, e cada qual tornar-se para o outro como que um Cristo, para que sejamos Cristos um para o outro, e o próprio Cristo esteja em todos, isto é, para que sejamos verdadeiros cristãos¹¹².

¹⁰⁸ G.J.FISCHER, *A Organização da Vida e Missão das Comunidades Cristãs*, p. 9. M.LUTERO, *Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã*, p. 438.

¹⁰⁹ M. LUTERO, *Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã*, p. 443.

¹¹⁰ G.J.FISCHER, *A Organização da Vida e Missão das Comunidades Cristãs*, p. 9.

¹¹¹ M.LUTERO, *Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã*, p. 447.

¹¹² M.LUTERO, *Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã*, p. 454.

A doutrina da justificação por graça e fé torna-se um aceitar da ação de Deus em Jesus Cristo. É Deus que vem ao encontro do seu povo. Este agir primeiro de Deus leva à ação livre, não para alcançar a salvação como pregava a Igreja na época, mas porque Deus já a concedeu. Desta forma, o agir por fé é um agir em resposta ao amor de Deus. Por se ter a salvação e crer nela, se é levado às boas obras¹¹³.

1.2 – Sacerdócio de todos os crentes

A doutrina da justificação por graça e fé e o sacerdócio de todos os crentes estão intimamente ligados. O sacerdócio de todos os crentes, designado por sacerdócio geral e real por Martinho Lutero, tem como pano de fundo o combate contra a hierarquia eclesiástica e o domínio absoluto do Papa¹¹⁴. Esse conflito tem início oficial com a divulgação das 95 teses¹¹⁵. Com as teses Lutero ataca a autoridade ilimitada do Papa, sua infalibilidade na interpretação da Sagrada Escritura e a questão das indulgências¹¹⁶.

Martinho Lutero indica que a união com Cristo, que acontece pelo batismo, torna os crentes sacerdotes, unidos à graça de Deus e membros de um só corpo¹¹⁷. Para explicar esta compreensão de sacerdócio, Lutero usa, inicialmente, os textos de Êx 13.2 e Êx 22.29ss. Através da tradição do Antigo Testamento, mostra que o primogênito possuía direitos diferenciados, entre eles, os do sacerdócio e do reinado. Pelo fato de Cristo ser designado o primogênito dos primogênitos, todos os que estão unidos com Ele pelo batismo unem-se ao seu sacerdócio e a sua realeza. Lutero fundamenta sua tese:

Como, porém, Cristo obteve estas duas dignidades por meio de sua primogenitura, assim as compartilha e comunica a qualquer de seus fiéis, segundo o direito do matrimônio anteriormente referido, de acordo com o

¹¹³ M.LUTERO, *Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã*, p. 449. Lutero usa vários exemplos para explicar sua doutrina e mostrar que as obras vêm como consequência da fé e não para alcançar a salvação.

¹¹⁴ M.LUTERO, *À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão*, escrito que ataca três muros, ou seja, três conceitos construídos para proteger o *status quo* da Igreja de Roma. A saber, a) o poder eclesiástico acima do poder secular, b) que a interpretação da escritura é exclusiva do papa, c) somente o papa pode convocar um concílio. Lutero ataca, ainda, dizendo que o clero havia descuidado e desviado a Igreja de seu objetivo para manter seu *status quo* (p. 280-1).

¹¹⁵ As 95 teses tinham por objetivo provocar uma discussão entre acadêmicos, autoridades e povo, sobre a venda do perdão de Deus por meio das cartas de indulgência. Elas questionavam a autoridade indelével do papa. Mais informações N. Beck, Introdução, p. 11.

¹¹⁶ G.J.FISCHER, *A Organização da Vida e Missão das Comunidades Cristãs*, p. 12.

¹¹⁷ Lutero argumenta a partir dos textos bíblicos de Rm 12.5; 1Co 10.17, 12.12; Ef 4.4.

qual é da noiva tudo o que é do noivo. A partir disso, em Cristo somos todos sacerdotes e reis os que cremos em Cristo, como diz em 1 Pe 2.9: “Vós sois geração eleita, povo adquirido, sacerdote régio e reino sacerdotal, para narrar as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz.”¹¹⁸

Pela união com Cristo partilhamos de sua natureza, de seu sacerdócio e de sua realeza. Os batizados são filhos e filhas de Deus. Diante dessa argumentação, é mostrado que “por meio do sacerdócio somos dignos de comparecer perante Deus, orar por outros e ensinar-nos mutuamente sobre as coisas de Deus¹¹⁹”. Portanto, as pessoas têm livre acesso à compreensão da Palavra de Deus. Não é uma tarefa exclusiva do clero ordenado. Todos os batizados podem expressá-la e não necessitam de intermediação eclesiástica para alcançar a Deus¹²⁰.

A união com Cristo pelo Batismo é testemunhada de forma veemente por Lutero quando diz: o “Batismo é o primeiro sacramento e o fundamento de todos os sacramentos, sem o qual não se pode receber nenhum dos outros¹²¹.” Convém lembrar que isto não ocorre por causa do rito. Não é o rito que salva, que une, mas, sim, a vivência por meio da fé na promessa divina que se recebe no Sacramento. Por isso Lutero diz, “o *primeiro* que se deve observar no Batismo é a promessa divina que afirma: ‘Quem crer e for batizado será salvo.’[Mc 16.16.](...) Mas devemos observá-la de tal modo que nela exerçamos a fé...”¹²².

Na união com Cristo, pelo Sacramento do Batismo¹²³, o cristão se torna sacerdote livre de todos, mas ao mesmo tempo servo de todos¹²⁴. Isto significa que, a partir do sacerdócio geral, o cristão não necessita submeter-se ou depender da Igreja para poder viver sua fé, mas está livre para vivê-la concretamente no dia-a-dia, a exemplo de Jesus Cristo. Por esta união, que vem de Deus e que não pode ser alcançada por nenhuma obra humana, todos, sem distinção, têm livre acesso a Deus. Todos têm o poder de julgar, perceber e compreender o

¹¹⁸ M.LUTERO, *Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã*, p. 444.

¹¹⁹ M.LUTERO, *Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã*, p. 445.

¹²⁰ G.J.FISCHER, *A Organização da Vida e Missão das Comunidades Cristãs*, p. 18.

¹²¹ M.LUTERO, *Do Cativoiro Babilônico da Igreja Um Prelúdio de Martinho Lutero*, p. 377.

¹²² M.LUTERO, *Do Cativoiro Babilônico da Igreja Um Prelúdio de Martinho Lutero*, p. 376.

¹²³ M.LUTERO, *Do Cativoiro Babilônico da Igreja Um Prelúdio de Martinho Lutero*, Lutero defende que: “É preciso recordar sempre o Batismo; necessário se faz despertar e fomentar continuamente a fé.” (p. 377).

¹²⁴ M.LUTERO, *Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã*, Lutero defende a tese: “O cristão é um senhor libérrimo sobre tudo, a ninguém sujeito. O cristão é um servo oficiosíssimo de tudo, a todos sujeito.” (p. 437).

que é correto à luz da Sagrada Escritura. O Sacerdócio Geral liberta os crentes para uma participação ativa na vida da Igreja e no serviço ao próximo¹²⁵.

2.0 – Sacerdócio geral e ministério ordenado na visão de Martinho Lutero

2.1 – Leigos e sacerdotes têm a mesma tarefa¹²⁶

Lutero defende que todos os batizados, os crentes, fazem parte de um só sacerdócio. Ele fundamenta sua compreensão em textos da Sagrada Escritura. Entre os textos destaca-se, como um dos principais¹²⁷, o texto de 1 Pe 2.9: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz,...”. A partir deste texto, Lutero questiona a autoridade clerical exercida na época. O clero se entendia como classe privilegiada, especial, superior aos que não eram ordenados. O clero, principalmente referindo-se à centralidade do papa, era visto como o único capaz de interpretar a Bíblia e julgar os temas da igreja¹²⁸. Para Lutero, em contraposição, fica claro que, pelo batismo, todos e todas estão em um mesmo patamar de autoridade, a saber, o sacerdócio de todos os crentes. Todos os cristãos são unidos à graça de Deus e, com isso, são sacerdotes. Assim desempenham um ministério da fé, que consiste em viver a partir da Sagrada Escritura, dos sacramentos e do exemplo de Cristo no dia-a-dia de sua vida. Argumenta Lutero,

... – vê, todos estes [batizados que vivem pela fé], onde quer que estejam, são verdadeiros sacerdotes e celebram em verdade corretamente a missa, obtendo com ela também o que buscam. Pois a fé tudo deve fazer. Somente ela é o ministério sacerdotal verdadeiro e não permite que ninguém mais o seja. Por isso todos os homens cristãos são sacerdotes e todas as mulheres

¹²⁵ Referente à total liberdade de participação na vida da Igreja, G.J.FISCHER, *A Organização da Vida e Missão das Comunidades Cristãs*, p. 19.

¹²⁶ Ao tratarmos das expressões leigos e sacerdotes nos referimos à compreensão da época da Reforma, sendo leigos todos aqueles que não foram ordenados como clérigos na Igreja Católica Romana. O termo sacerdote, diferentemente do que defende Lutero no sacerdócio geral, era destinado aos ordenados pela Igreja Católica, como será comprovado no decorrer do estudo.

¹²⁷ G.J.FISCHER, *A Organização da Vida e Missão das Comunidades Cristãs*, p. 20. M.LUTERO, *Do Cativo Babilônico da Igreja*, p. 414.

¹²⁸ M.LUTERO, *Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã*, p. 444. M.LUTERO, *À Nobreza Cristã da Nação Alemã acerca da Melhoria do Estamento Cristão*, p. 284. M. LUTERO, *Do Cativo Babilônico da Igreja*, p. 390, 410-417.

são sacerdotisas, sejam jovens ou velhos, senhor ou serva, senhora ou serva, douto ou leigo. Aqui não há diferença, a não ser que a fé seja diversa¹²⁹.

Diante da argumentação de Lutero, é importante destacar que aqueles que vivem em fé são sacerdotes ali onde vivem, ali onde trabalham. Dessa forma, presume-se que o sacerdócio deve ser vivido na prática eclesial, por meio da pregação da palavra, da administração dos sacramentos, bem como, em uma vivência diária comprometida com os ensinamentos evangélicos. Por isso, mesmo que se pertença a um sacerdócio ordenado, ninguém se torna superior ou mais especial do que outro leigo. Ambos têm a tarefa de viver, na prática diária, a fé cristã e a responsabilidade pela pregação da palavra e a administração dos sacramentos. Ambos estão num só corpo¹³⁰. Os cristãos estão em um só estamento espiritual. Não há qualquer diferença entre eles, a não ser exclusivamente por força do ofício¹³¹. Por isso, não se pode excluir os leigos do sacerdócio da pregação e da administração dos sacramentos¹³². Lutero ataca, veementemente, a autoridade e a infalibilidade do Papa e, por conseqüência, o clero e a sua hierarquização¹³³. Diante do acima exposto, principalmente referente à diferenciação e separação entre clero e leigos, afirma Lutero:

... procurou-se criar uma sementeira de implacável discórdia, para que os clérigos e os leigos sejam mais diferentes entre si que o céu e a terra, o que é uma ofensa inconcebível à graça batismal e traz confusão à comunidade evangélica. Pois daí vem essa detestável tirania dos clérigos com relação aos leigos. (...) Não só crêem que são mais que os cristãos leigos, que são ungidos com o Espírito Santo, mas quase os consideram cachorros indignos de serem enumerados juntamente com eles na Igreja¹³⁴.

¹²⁹ M.LUTERO, *Um Sermão a respeito do Novo Testamento, Isto É, a respeito da Santa Missa*, p. 269.

¹³⁰ Alusão a 1Co 12.12ss.

¹³¹ M.LUTERO, *À Nobreza Cristã da Nação Alemã acerca da Melhoria do Estamento Cristão*, p. 282.

¹³² M.LUTERO, *Do Cativo Babilônico da Igreja Um Prelúdio de Martinho Lutero*, p. 417.

¹³³ M.LUTERO, *À Nobreza Cristã da Nação Alemã acerca da Melhoria do Estamento Cristão*, p. 286.

¹³⁴ M.LUTERO, *Do Cativo Babilônico da Igreja Um Prelúdio de Martinho Lutero*, p. 414. Diante da pergunta em que se distinguem os leigos dos sacerdotes, Lutero responde: "...foi feito injustiça a estes vocábulos: 'sacerdote', 'clérigo', 'espiritual', 'eclesiástico', porquanto foram transferidos de todos os demais cristãos para aqueles poucos que agora, por uso prejudicial, são chamados de eclesiásticos. Pois a Escritura Sagrada não faz nenhuma diferença entre eles, a não ser que chama de ministros, servos, administradores àqueles que agora se jactam de papas, bispos e senhores, que devem servir aos outros com o ministério da Palavra, para que seja ensinada a fé em Cristo e a liberdade dos fiéis." In: M. LUTERO, *Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã*, p. 445-6.

Portanto, todos os batizados são leigos e sacerdotes. Ambos têm como tarefa viver a sua fé, no dia-a-dia, a exemplo de Jesus Cristo¹³⁵, devem desempenhar um papel de serviço em relação aos seus semelhantes¹³⁶.

2.2 – Sacerdócio geral: necessidade de uma ordem

Pelo batismo, não há diferença entre leigos e ordenados, pois todos fazem parte de um só corpo, de um só sacerdócio em Cristo. Entretanto, Lutero, defende a necessidade de uma ordem em favor da manutenção da unidade do povo de Deus às Sagradas Escrituras e à reta administração dos sacramentos. Esta ordem serve para conduzir o povo no caminho da fé¹³⁷. Lutero, desde o princípio, não se coloca contrário a uma ordem eclesial¹³⁸. No entanto, opõe-se ao exclusivismo clerical e à exclusão do direito sacerdotal do leigo, pois esta forma de pensar exclui, nega o batismo, nega o sacerdócio real de Cristo¹³⁹.

Lutero aponta, ainda, para a falibilidade do sacerdócio ordenado e do papa¹⁴⁰. Quando o sacerdote ordenado deixa de ser fiel à pregação da palavra de Deus e a sua ação não é condizente com a tarefa recebida pela ordenação, ele perde a sua consagração. Ou seja, o que

¹³⁵ M.LUTERO, *À Nobreza Cristã da Nação Alemã acerca da Melhoria do Estamento Cristão*, p. 283. M. LUTERO, *Um Sermão a respeito do Novo Testamento, Isto É, a respeito da Santa Missa*, p. 269.

¹³⁶ G.J.FISCHER, *A Organização da Vida e Missão das Comunidades Cristãs*, p. 44.

¹³⁷ M.LUTERO, *Como instituir Ministros na Igreja*, p. 84.

¹³⁸ Lutero argumenta que a vocação e a ordem são importantes. Deve-se insistir nelas. Ao abandoná-las corre-se o risco de não sobrar mais Igreja em parte alguma. M. LUTERO, *Carta do Dr. Mart. Lutero sobre os Intrusos e Pregadores Clandestinos 1532*, p. 114.

¹³⁹ M. LUTERO, *Carta do Dr. Mart. Lutero sobre os Intrusos e Pregadores Clandestinos 1532*, Lutero afirma: “A conclusão: Cristo é sacerdote, logo os cristãos são sacerdotes, é fiel e correta. (...) Somos seus irmãos somente através do novo nascimento [batismo]. Por essa razão também somos sacerdotes com ele, filhos como ele, reis como ele, pois nos fez sentar com ele nos céus, para que sejamos seus consortes e co-herdeiros, no qual e com o qual nos são dadas todas as coisas, Rm 8[.32].” (p. 94).

¹⁴⁰ M. LUTERO, *À Nobreza Cristã da Nação Alemã acerca da Melhoria do Estamento Cristão*, referente ao Papa, Lutero escreve “Por isso deve ter sido o próprio diabo-chefe quem disse o que se acha escrito no direito canônico: ‘Se o papa fosse tão perniciosamente mau a ponto de levar ao diabo uma multidão de almas, ainda assim não poderia ser deposto’. É sobre esse fundamento maldito e diabólico que eles se baseiam em Roma...” (p. 285), e, ainda, referente ao sacerdote ordenado, escreve: “E onde acontecer que alguém é escolhido para semelhante ofício e for deposto por abusar dele, será o mesmo que antes. Por essa razão um estamento de sacerdote na cristandade não deveria ser diferente de um funcionário público: enquanto estiver no cargo, ele tem procedência; se for deposto, é um agricultor ou cidadão como os outros. Assim na verdade um sacerdote deixa de ser sacerdote ao ser deposto...” (p. 283).

verdadeiramente consagra o sacerdote é a sua atuação coerente na fé evangélica¹⁴¹, não a sua ordenação¹⁴². Lutero questiona o caráter indelével do sacerdote ordenado¹⁴³.

Lutero sugere chamar aquele que é ordenado de “ministro”¹⁴⁴. Sugere este termo para diferenciar dentre o sacerdócio, visto que nele estão todos os batizados, e para evitar o caráter sacrificial¹⁴⁵ que se concedia àqueles que dirigiam a missa. Ainda, conforme o texto de 1Co 4.1, o termo ministro sugere serviço ao evangelho e não status sacerdotal, o qual deveria ficar com a comunidade¹⁴⁶. O que diferencia os ministros dos demais é a função que desempenham. O ministro executa uma função do sacerdócio que qualquer membro do corpo pode desempenhar. Mas para que haja uma ordem e não hierarquia de poder, como o pregava a igreja católica, a comunidade delega a sua tarefa a uma pessoa que desempenha esta tarefa com e para a comunidade¹⁴⁷. É assim que Lutero testifica:

Esteja, pois, certo e reconheça (...) todos somos igualmente sacerdotes, isto é, temos o mesmo poder na Palavra e em qualquer sacramento. Entretanto, não é lícito que qualquer um faça uso desse poder, a não ser com o consentimento da comunidade ou por chamado de um superior. Porque o que é comum a todos ninguém pode se arrogar individualmente, até que seja chamado. E, por isso, se o Sacramento da Ordem [como visto na Igreja Católica] é algo, não pode ser outra coisa que determinado rito de chamar alguém ao ministério eclesiástico¹⁴⁸.

A ordenação pertence à comunidade que escolhe e elege o seu ministro, concedendo-lhe uma função. Lutero nega a necessidade da “pompa de raspar [a cabeça], ungir e ordenar¹⁴⁹”, o que era tradição da Igreja, para assim reforçar que o sacerdote havia ingressado em um estamento diferente, um corpo diferente, um corpo espiritual. O que se exige,

¹⁴¹ O termo evangélica tem a conotação daquilo que ensinam os evangelhos.

¹⁴² M.LUTERO, *Como instituir Ministros na Igreja*, p. 88. M. LUTERO, *Do Cativo Babilônico da Igreja Um Prelúdio de Martinho Lutero*, acrescenta: “... quem não prega a Palavra, para o que foi chamado pela Igreja, não é sacerdote de maneira alguma...”, (p. 415).

¹⁴³ M.LUTERO, *À Nobreza Cristã da Nação Alemã acerca da Melhoria do Estamento Cristão*, p. 283. M. LUTERO, *Do Cativo Babilônico da Igreja Um Prelúdio de Martinho Lutero*, “... não compreendo por que motivo não pode voltar a ser leigo quem uma vez foi feito sacerdote, pois somente pelo ministério difere do leigo” (p. 418).

¹⁴⁴ M.LUTERO, *Como Instituir Ministros na Igreja*, p. 106.

¹⁴⁵ M.LUTERO, *Como Instituir Ministros na Igreja*, p. 106. Lutero nega o caráter de sacrifício da missa e dos sacramentos realizados pelo clero, pois o único sacrifício, realizado de uma vez por todas, é o de Jesus Cristo.

¹⁴⁶ M.LUTERO, *Como Instituir Ministros na Igreja*, p. 106.

¹⁴⁷ M.LUTERO, *Como Instituir Ministros na Igreja*, p. 105.

¹⁴⁸ M.LUTERO, *Do Cativo Babilônico da Igreja Um Prelúdio de Martinho Lutero*, p. 417.

¹⁴⁹ M.LUTERO, *Como Instituir Ministros na Igreja*, p. 106.

conforme a argumentação de Lutero com base no texto de 2Tm 2.2, é de que o escolhido seja idôneo para que se lhe delegue o ofício de ensinar as Sagradas Escrituras. Ao delegar o ofício da palavra, a comunidade simultaneamente lhe delega “o ofício de batizar, consagrar, ligar, absolver, orar, julgar¹⁵⁰”. Tudo isto é realizado em nome de Deus, por meio de oração e imposição de mãos sobre o ministro escolhido ou aceito pela comunidade¹⁵¹. O ministro, ordenado em nome de Deus pela comunidade, assume **uma forma de servir**¹⁵² dentro do sacerdócio geral. O ministro faz aquilo que qualquer sacerdote real pode desempenhar. Mas o faz delegado pela comunidade e para a comunidade, representando em sua pessoa o próprio Deus. Lutero, ao falar do papel daquele que realiza o batismo, afirma:

... não é outra coisa que um instrumento vicário de Deus (...) É como se dissesse: “O que faço, não o faço por minha autoridade, mas em lugar e em nome de Deus, para que não o consideres de outra maneira do que se o Senhor mesmo o tivesse feito visivelmente...”¹⁵³.

Na visão de Martinho Lutero, o ministro ordenado está no mesmo corpo sacerdotal do leigo. Não existe uma “substância” diferente entre o corpo de Cristo, mas sim uma “modalidade” diferente¹⁵⁴. Neste corpo, o que há são tarefas diferentes que podem ser desenvolvidas por todos os sacerdotes devidamente delegados pela comunidade. Lutero aponta para as tarefas do sacerdócio, lembrando o que a Igreja Católica designava de ofícios sacerdotais. São eles: “ensinar, pregar e anunciar a Palavra de Deus, batizar e consagrar ou ministrar a Eucaristia, ligar e absolver, orar por outros, sacrificar e julgar todas as doutrinas e espíritos¹⁵⁵”. Estas são as tarefas da comunidade, do sacerdócio de todos e todas, mas, conforme Lutero, é impossível para uma boa ordem que todos desempenhem, ao mesmo tempo, estas tarefas. Por isso, a comunidade delega a sua função a um ministro que é preparado, ensinado e ordenado. A função do ministério especial é de edificar a comunidade com a autorização e a delegação da mesma¹⁵⁶.

¹⁵⁰ M.LUTERO, *Como Instituir Ministros na Igreja*, p. 107.

¹⁵¹ M.LUTERO, *Como Instituir Ministros na Igreja*, p. 107.

¹⁵² A palavra traduzida por ministério por Lutero na sua tradução do Novo Testamento é a palavra grega *diakonia*. Sobre este significado ver cap.3.2.1.

¹⁵³ M.LUTERO, *Do Cativo Babilônico da Igreja Um Prelúdio de Martinho Lutero*, p. 379.

¹⁵⁴ M.DREHER, *A concepção Luterana do Ministério Eclesiástico – Alguns Apontamentos*, p. 236.

¹⁵⁵ M.LUTERO, *Como Instituir Ministros na Igreja*, p. 94.

¹⁵⁶ M.LUTERO, *Carta do Dr. Mart. Lutero sobre os Intrusos e Pregadores Clandestinos 1532*, p. 122.

3.0 – O que interrompeu a vivência do sacerdócio de todos os crentes?

3.1 – Breve relato sobre a Reforma Prussiana¹⁵⁷

Ao final do século 18, por influências diversas, a Igreja Luterana encontrava-se, em geral, grandemente desprestigiada entre o povo. Havia um esvaziamento na participação das celebrações, desprezo aos pregadores e sacramentos. Havia grande perda da religiosidade, alegando-se, por exemplo, “que o Batismo era algo desnecessário e ultrapassado nestes tempos em que a religião assumira contornos racionais”¹⁵⁸. Diante deste quadro, o rei da Prússia, Frederico Guilherme III (1797-1840), o qual era de origem calvinista e reunia em sua pessoa a dupla função de senhor supremo do Estado e da Igreja, temia que o desprezo pela Igreja, num segundo momento, alcançasse a própria monarquia e toda a nobreza a ela ligada; as quais poderiam ser consideradas supérfluas e ser simplesmente derrubadas¹⁵⁹. Frederico Guilherme III encara a crescente perda de religiosidade como uma grave questão de segurança nacional.

Assim, conforme relata Tesche, torna-se necessária uma imperativa e profunda reforma administrativa, tanto do Estado quanto da Igreja, para eliminar a ameaça ao *status quo* da monarquia.

Frederico Guilherme III entendeu que o único caminho possível, no sentido de firmar a dominação do Estado, seria o da via religiosa, o que significava voltar-se, em primeiro lugar, para a majoritária Igreja Luterana da Prússia. (...), urgia, portanto, resgatá-la, bem como a seus pastores, que jaziam, inclusive, desprestigiados entre o povo¹⁶⁰.

Neste contexto, o rei busca, por meio de uma reforma na Igreja, assegurar seu *status quo*. Planeja uma profunda reforma que vai acontecendo sistematicamente. O primeiro passo é a cooptação da Igreja Luterana com a Igreja Calvinista para transformá-las em uma só

¹⁵⁷ Este relato basear-se-á no estudo feito por S.TESCHE, *Vestes Litúrgicas*, p. 93-130. O objetivo deste item é apresentar breve extrato do trabalho de Tesche para que o leitor possa perceber a influência desta reforma prussiana na vida de culto e no desvirtuamento que causou na compreensão do papel do leigo e do ministro ordenado. Esta visão prussiana, muito provavelmente, os imigrantes luteranos possuíam quando desembarcaram no Brasil em 1824.

¹⁵⁸ S.TESCHE, *Vestes Litúrgicas*, p. 101.

¹⁵⁹ S.TESCHE, *Vestes Litúrgicas*, p. 103.

¹⁶⁰ S.TESCHE, *Vestes Litúrgicas*, p. 99.

Igreja. Isto acontece por uma ordem expedida a 12 de janeiro de 1798, e resulta na nova Igreja da União Prussiana. Em 1808, é criado no Ministério do Interior uma seção sob o nome “Culto e Ensino”, que agregava a inspeção e assistência do Estado para os assuntos religiosos e espirituais. A partir desta seção, em 1817, surge o “Ministério do Culto”, o qual se encarregava de acompanhar todos os assuntos relativos a suscitar a religiosidade e o espírito patriótico. A partir destas reformas, surgem outras medidas que transformam a concepção de religiosidade e de culto. Os pastores passam a ser funcionários clericais e recebem uma veste que lhes concedesse, na visão do monarca, dignidade e solenidade quando do exercício de seu ministério. Em 20 de março de 1811, uma “ordem de gabinete”¹⁶¹ institui a veste talar preta com um peitilho branco como uniforme ministerial. Quem alegava não ter como adquirir tal veste, em muitos casos denotava situação de não concordância com as medidas adotadas pelo rei, por isso, a recebia gratuitamente e era obrigado a usá-la.

Outra medida que influenciou fortemente a forma de culto e participação foi a elaboração de uma agenda de culto única. Esta agenda, inicialmente encomendada pelo monarca, e, quando de sua apresentação foi rejeitada pelo mesmo, fez com que ele pessoalmente coordenasse os trabalhos de reforma do culto e de organização da nova agenda. Em 1822, após várias modificações, uma agenda contendo a ordem de culto, com minuciosas rubricas que determinavam rigorosamente cada passo do ritual, foi oficialmente apresentada. Algumas das conseqüências desta ordem de culto, costumes que geraram, podem ser apresentadas da seguinte forma: a) cria uma unidade de culto em toda a Prússia, visto que, até então, cada pastor dirigia o culto a sua maneira; b) para a congregação restou o papel de platéia, restando-lhe participar efetivamente só na repetição de alguns refrões cantados; c) a celebração da ceia fica como um apêndice a ser incluído excepcionalmente; d) estabelece que o culto deveria ter duração máxima de uma hora, com meia hora para a liturgia e meia hora para a prédica; e) a disposição do altar teria o crucifixo, candelabros com velas de cera acesas, a grande Bíblia e o lugar para o liturgo (pastor); f) pelo menos uma vez ao ano dever-se-ia participar da Santa Ceia; g) não se deveria esperar mais que 06 semanas, após o nascimento, para a realização do batismo das crianças.

Tesche descreve as conseqüências desta reforma litúrgica assim:

¹⁶¹ S.TESCHE, *Vestes Litúrgicas*, p. 110-1.

Com essa ordem cúlrica, sancionada por Frederico Guilherme III em 1822 como parte da nova Igreja da União Prussiana, estamos, portanto, diante de uma obra literalmente antilitúrgica, ideológica e, em consequência, antievangélica, onde não é a redenção do ser humano pela obra de Cristo que é celebrada, mas sim a amarração do ser humano pelo Estado¹⁶².

3.2 – Questionamentos atuais

Inicialmente, constatamos que Lutero defende que leigos e ministros estão em um mesmo ministério. Com a reforma prussiana esta compreensão é esmagada. Concede-se autoridade para o pastor e os membros lhe devem submissão. O pastor é transformado em funcionário ao qual se deve obediência. Ao lado ou junto a esta herança de mentalidade prussiana, o pastor passa a ser visto como o profissional de formação privilegiada. Os leigos acabam delegando ao pastor/a cada vez mais funções que pertencem a todo sacerdócio, por entenderem que eles mesmos, os leigos/as, não tem condições e nem autoridade para desempenhá-las¹⁶³. Brakemeier defende que este fenômeno de monopólio teológico favorece a “transformação dos/as pastores/as em ‘executivos’¹⁶⁴”. Decorre assim, o que no meio luterano se designa de pastor-centrismo, ou seja, assuntos relativos à fé são tarefa exclusiva do pastor/a. Daí decorre, segundo Hoch, uma hierarquia eclesiástica de caráter popular, onde aos olhos da comunidade o/a catequista, o/a diácono/a, [missionários/as] serão subalternos do pastor/a. O leigo homem se satisfaz cumprindo a administração do dinheiro e bens. A mulher leiga fica relegada às ações da cozinha e trabalhos manuais na comunidade¹⁶⁵. Esta descrição é de 1990. Mas ainda está muito presente em várias comunidades luteranas, principalmente do interior e de áreas rurais.

Conforme Hoch, há críticas quanto à formação dos obreiros e que em sua ação possuem um caráter muito discursivo ou acadêmico, o qual possui efeito paralisante. A comunidade permanece em um papel passivo. Raramente obreiros/as oferecem pistas

¹⁶² S.TESCHE, *Vestes Litúrgicas*, p. 120.

¹⁶³ L.C.HOCH, *O Ministério dos Leigos: Genealogia de um Atrofiamento*, p. 267.

¹⁶⁴ G.BRAKEMEIER, *Teses Referentes à Compreensão de Ministério na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)* – Avaliação e Questões Abertas, p. 120.

¹⁶⁵ L.C. HOCH, *O Ministério dos Leigos: Genealogia de um Atrofiamento*, p. 268.

concretas e viáveis a uma atuação efetiva da comunidade¹⁶⁶. Segundo Brakemeier, o ministério é um serviço exercido por incumbência explícita, em caráter contínuo, por pessoas particularmente qualificadas¹⁶⁷. Isto quer dizer que, mesmo com o desenvolvimento, com o crescimento das comunidades, com o preparo teológico, o ministério continua tendo um caráter funcional¹⁶⁸ que não pode eliminar os serviços espontâneos do sacerdócio de todos os crentes. M. Dreher afirma: “Ministério e congregação não são concorrentes”¹⁶⁹. Ou, ainda, como mostra L. Dreher: “a tradição luterana implica que todos os cristãos são de estado clerical, a palavra ‘estado’ é estendida a todos os batizados de forma a excluir a conotação de um incremento ou grau superior de qualidade espiritual em alguns”¹⁷⁰.

¹⁶⁶ L.C.HOCH, *O Ministério dos Leigos: Genealogia de um Atrófiamento*, p. 269. Esta crítica está presente também em, G.BRAKEMEIER, *Teses Referentes à Compreensão de Ministério na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) – Avaliação e Questões Abertas*, p. 120.

¹⁶⁷ G.BRAKEMEIER, *Teses Referentes à Compreensão de Ministério na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) – Avaliação e Questões Abertas*, p. 118.

¹⁶⁸ M.DREHER, *A concepção Luterana do Ministério Eclesiástico*, p. 241.

¹⁶⁹ M.DREHER, *A concepção Luterana do Ministério Eclesiástico*, p. 240.

¹⁷⁰ L.DREHER, *Algumas Idéias sobre a Teologia do Ministério*, p. 58.

III - EQUIPES DE LITURGIA: ORDENADOS OU INSTALADOS?

1.0 – Compreensão de ministério

1.1 – Ministério: concepção neotestamentária

A palavra ‘ministério’ vem do latim e significa “serviço”. Ela é a tradução de uma palavra grega, “diakonia”, que aparece muitas vezes no Novo Testamento. O próprio Jesus se apresentou como “servo” (diácono, ministro) de Deus. Paulo se considera servo de Cristo. Todo cristão é chamado a servir: “Todos vós, conforme o dom que cada um recebeu de Deus, consagrai-vos ao serviço uns dos outros, como bons dispenseiros da multiforme graça de Deus (IPd 4,10)¹⁷¹”.

Ministério refere-se a ações de serviço. No contexto das primeiras comunidades cristãs o ministério, serviço, desconhecia a diferenciação entre clero e leigo¹⁷². Tanto que, antes do surgimento do episcopado monárquico, no qual se estabelece a diferenciação, como hoje conhecemos, entre leigos e sacerdotes, existia uma ordem chamada democrática¹⁷³. Esta designação concebida por Bultmann, refere-se ao período carismático onde se acreditava que o Espírito Santo capacitava o batizado com dons e, estes dons, reconhecidos pela comunidade, capacitavam e legitimavam à ação ministerial¹⁷⁴. Não havia uma ordem hierárquica de poder. Havia sim, um chamado para servir e nisto consiste o ministério. Desta forma, o apóstolo Paulo autodenomina-se ministro (diakonos) de Deus (2Co 6.4), de Cristo (2Co 11.23), do Evangelho (Ef 3.7; Cl 1.23), da nova aliança (2Co 3.6), da igreja (Cl 1.25). A partir desta autodenominação de Paulo conclui-se que o ministério é amplo, pois “é todo serviço que cabe aos cristãos, quer seja pregação, exortação, testemunho, consolo, quer a ajuda concreta, a

¹⁷¹ IGREJA CATÓLICA, *Curso de preparação para ministérios leigos*, p. 7.

¹⁷² Como visto no primeiro capítulo deste trabalho.

¹⁷³ R.BULTMANN, *Teologia do Novo Testamento*, p. 538.

¹⁷⁴ R.BULTMANN, *Teologia do Novo Testamento*, p. 538.

intervenção em situação de necessidade e sofrimento”¹⁷⁵. Mas, de outra forma, pode-se dizer que há um só ministério, a saber, o de testemunhar o Evangelho de Cristo confiado à comunidade de batizados/as¹⁷⁶. Desta forma resume-se: ministério há um só, mas vários são os ministérios criados pela comunidade, que se desenvolvem, para que o único ministério aconteça.

Há, portanto, o ministério de todos os crentes. A partir do batismo todos e todas estão no sacerdócio e têm a função ministerial, de serviço. Mas, ao lado disto, percebe-se uma necessidade de cargos, funções, que são concedidos, inicialmente, aos apóstolos com o objetivo de organizarem as comunidades¹⁷⁷. Surge ao lado da função de serviço, das tarefas denominadas administrativas (1Tm 3.2; Tt 1.6), a atividade magisterial. Esta atividade tem por dever cuidar da reta doutrina, evitar as heresias (1Tm 1.3; 4.6,11; 6.3, 20; 2Tm 2.14, 3.1, 4.1; Tt 1.10) e manter uma ordem nas celebrações (1Co 14.40)¹⁷⁸. São escolhidas pessoas para presidirem celebrações e comunidades (1Ts 5.12; 1Co 16.16, Rm 12.8). Estas pessoas escolhidas, separadas, com o consentimento da comunidade, eram oficializadas em sua função com um rito que consistia em jejum, orações e imposição de mãos (At 6.6, 13.3; 1Tm 4.14, 5.33; 2Tm 1.6; At 13.2; 1Tm 1.18, 4.14). Pode-se concluir que estes ritos deram origem ao ministério com ordenação. Assim como afirma a Confissão de Augsburgo, no artigo da ordem eclesiástica: “ninguém deve publicamente ensinar na igreja ou administrar os sacramentos a menos que seja legitimamente chamado”¹⁷⁹. Este chamado legítimo ocorre por ocasião da ordenação.

1.2 – Documentos da IECLB referente a ministério com ordenação

O documento normativo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil¹⁸⁰ denominado “Estatuto do ministério com ordenação”¹⁸¹ atesta:

¹⁷⁵ S.G.RIEFF, *Diaconia e culto cristão*, p. 23-4.

¹⁷⁶ IECLB, *Nossa Fé – Nossa vida*, p. 10.

¹⁷⁷ R.BULTMANN, *Teologia do Novo Testamento*, p. 538.

¹⁷⁸ R.BULTMANN, *Teologia do Novo Testamento*, p. 548-549.

¹⁷⁹ *Confissão de Augsburgo*, Art. XIV, p. 23.

¹⁸⁰ Doravante denominada IECLB.

¹⁸¹ Doravante denominado EMO.

Comunidade cristã confessa ter em Jesus Cristo seu único mediador entre Deus e as pessoas, não necessitando de outros mediadores. Todo membro é sacerdote, chamado a cultivar Deus em sua vida. Contudo, a comunidade precisa de pessoas que ensinem o evangelho e sejam responsáveis pela administração dos sacramentos, a fim de que a igreja seja edificada. Para tanto foi instituído por Deus o ministério. Este ministério anuncia a salvação que há em Cristo e o próprio Cristo age através dele (Lc 10.16; Rm 10.15-17; 2Co 5.20).¹⁸²

O EMO fundamenta-se no sacerdócio geral, na proposta de comunidade de iguais. Mas, aponta para a necessidade de chamar pessoas que sejam incumbidas de uma responsabilidade especial na pregação do evangelho e administração dos sacramentos nas comunidades. O objetivo destas pessoas, com responsabilidade especial, é de “organizar e avaliar o testemunho a partir das bases confessionais da Igreja”¹⁸³. Nesta compreensão, de organização e cuidado confessional, a ordenação “confere o direito à pregação pública da palavra e à administração dos sacramentos”¹⁸⁴. A ordenação institui e autoriza pessoas a exercerem o ministério que, a saber, é um só: ensinar o evangelho e administrar os sacramentos¹⁸⁵.

No âmbito da IECLB, o EMO mostra que para o serviço do ministério único “a comunidade pode criar uma grande variedade de ministérios”¹⁸⁶. “O ministério é um só, com diversas ramificações”¹⁸⁷. A partir desta compreensão foram criados pela IECLB quatro ministérios específicos com ordenação¹⁸⁸. São eles: ministério pastoral, ministério catequético, ministério diaconal e ministério missionário¹⁸⁹. Estes ministérios dividem entre si funções e atribuições específicas, mas compartilham do mesmo objetivo que é estar a serviço do ministério eclesial¹⁹⁰. Desta forma, a função dos ministérios é de:

Eles motivam os membros da comunidade a lerem a Bíblia, a fim de conscientizá-los de sua vocação e capacitá-los para o serviço de testemunhar o evangelho em família, no lugar de trabalho e estudo, na comunidade e

¹⁸² IECLB, *Estatuto do Ministério com Ordenação - EMO*, p. 1.

¹⁸³ IECLB, *Estatuto do Ministério com Ordenação - EMO*, p. 1.

¹⁸⁴ IECLB, *Estatuto do Ministério com Ordenação - EMO*, p. 2.

¹⁸⁵ *Confissão de Augsburgo*, Art. V, p. 19.

¹⁸⁶ IECLB, *Estatuto do Ministério com Ordenação - EMO*, p. 1.

¹⁸⁷ IECLB, *Estatuto do Ministério com Ordenação - EMO*, p. 2.

¹⁸⁸ IECLB, *Estatuto do Ministério com Ordenação - EMO*, p. 2.

¹⁸⁹ IECLB, *Estatuto do Ministério com Ordenação - EMO*, p. 7-8.

¹⁹⁰ IECLB, *Nossa Fé – Nossa vida*, p. 11.

sociedade em geral. Estão, portanto, a serviço do “sacerdócio universal de todos os crentes”. Esse serviço motivador e instrumentalizador denominamos “ministério compartilhado”¹⁹¹.

Qual é a tarefa das pessoas não ordenadas? O guia da vida comunitária da IECLB, Nossa Fé – Nossa Vida, mostra que a tarefa das pessoas não ordenadas é de colaborar com os ministérios específicos.

A amplitude da missão de Cristo requer que a comunidade chame pessoas leigas para participarem, segundo o ministério compartilhado, na realização de cultos e ofícios, na instrução cristã, assistência, orientação de grupos, visitação, música, administração e em outros campos de ação, conforme necessidade e possibilidade¹⁹².

A partir destas definições percebe-se que tanto o ministério ordenado, como o ministério leigo, são desafiados a atuar em conjunto. É de ambos a tarefa ministerial da pregação e reta administração dos sacramentos. O ministério ordenado e o ministério leigo têm características distintas, mas estão unidos por um só ministério para atuarem no sacerdócio geral de todos os crentes, numa comunidade de iguais.

2.0 – O pastor-centrismo

Avaliando as comunidades da IECLB, o seu passado histórico mostra que desde a vinda dos primeiros imigrantes germânicos ao Brasil, vinculava-se fortemente uma compreensão de comunidade como “uma sociedade de prestação de serviços”¹⁹³.

Quando os primeiros imigrantes evangélicos resolveram constituir-se em comunidade, seguiram o padrão de uma sociedade de prestação de serviços. Não tinham outra alternativa. Queriam que alguém lhes ministrasse os cultos, os ofícios, a poimênica, cuidasse da vida religiosa. (...) O vazio confessional dos inícios naturalmente reforçava a natureza “clubista” das comunidades, calçada em determinados interesses de seus “sócios”, não por último o de terem garantido espaço no cemitério da comunidade. Esperava-se o atendimento das necessidades religiosas, na maioria das vezes pelo menor custo possível¹⁹⁴.

¹⁹¹ IECLB, *Nossa Fé – Nossa vida*, p. 11.

¹⁹² IECLB, *Nossa Fé – Nossa vida*, p. 13.

¹⁹³ G.BRAKEMEIER, *Projeto IECLB*, Avaliação, controvérsias, propostas, (versão internet).

¹⁹⁴ G.BRAKEMEIER, *Projeto IECLB*, Avaliação, controvérsias, propostas, (versão internet).

A partir deste relato, pode-se fundamentar o surgimento de um jargão na IECLB, o pastor-centrismo. Ou seja, muitas comunidades vêm no pastor o seu funcionário¹⁹⁵, o qual tem formação específica, recebe subsistência, e, por isso, ele tem a responsabilidade de atendê-los, de fazer por eles. Por outro lado, este pastor-centrismo pode, também, partir da iniciativa do obreiro pastor/a, o qual inibe a participação de outras pessoas não-ordenadas nas tarefas eclesiais.

3.0 - Equipes de Liturgia

3.1 – Conceituação de Equipe de Liturgia

Para uma melhor compreensão do que é uma equipe de liturgia¹⁹⁶ e porque de sua necessidade nas comunidades, buscamos nos ater a dois relevantes conceitos. Primeiro um conceito luterano.

A equipe de liturgia é formada por um grupo de pessoas batizadas, membros de uma mesma comunidade que, mediante capacitação através de cursos e seminários, passam a organizar e moldar, sob a incumbência da comunidade, os cultos junto com o pastor ou a pastora. (...) A principal função (...) é ser alavanca que leva toda a comunidade a louvar a Deus com mais alegria através de um serviço de louvor participativo, envolvente e significativo. Ela procura concretizar a motivação teológica, encontrada em 1 Coríntios 12, e ativar o exercício do ministério das pessoas batizadas (1 Pedro 2.9).¹⁹⁷

No meio católico há a seguinte conceituação:

Uma *Equipe de Liturgia* existe para um grande trabalho, uma grande realização: *animar as celebrações*. (...), uma *Equipe* tem uma *causa comum*. A causa da *Equipe de Liturgia* é justamente o significado da palavra *Liturgia*: “*Serviço*”! (...) Muita gente pensa que Equipe de Liturgia é composta somente por cantores e leitores. (...) Além dos cantores e leitores, temos: comentaristas, instrumentistas, salmistas, recepcionistas, sonoplastas e, se possível, decoradores e cartazistas que, com sua criatividade, colocarão cartazes e símbolos para que o “visual” também esteja a serviço da Palavra.

¹⁹⁵ Visão, muito provavelmente, advinda da reforma prussiana, a qual influenciou as comunidades de tradição luterana. Veja p. 34.

¹⁹⁶ Doravante nos referiremos a Equipe de Liturgia usando EL e Equipes de Liturgia usando ELs.

¹⁹⁷ A.KNEBELKAMP, H. TREIN, *Liturgia*: como se faz, p. 22.

Todas estas pessoas têm um ministério litúrgico a ser desenvolvido. (...) A elas compete preparar as reuniões, planejar as celebrações, tudo em perfeita sintonia. Também em perfeita sintonia com a Equipe deve estar o vigário ou o que irá presidir a celebração.¹⁹⁸

3.2 - Porque envolver pessoas não-ordenadas numa Equipe de Liturgia?

Pesquisa denominada “Culto e cultura em Vale da Pitanga”¹⁹⁹ apresenta, em seus diversos resultados, uma distância de compreensões entre pastor²⁰⁰ e comunidade. Pastor e comunidade possuem um sistema cultural e religioso distinto de percepção de culto e de religião. O/a pastor/a, obreiro/a ordenado/a, por consequência de sua formação teológica tem mais facilidade de “desenvolver e articular abstrações (...) construções teóricas mais ou menos complexas²⁰¹”. Para as pessoas não ordenadas o componente prático é mais presente, “...religião não é, (...), algo a ser teorizado, mas vivenciado²⁰²”. Esta diferença cultural e teológica pode criar distância entre o/a pastor/a e as pessoas no que se refere às ansiedades, preocupações tangentes que o culto deveria abarcar.

O pastor pode revelar-se incapaz de perceber, considerar e articular experiências e verdades teológicas que as pessoas vivenciam, se não aprendeu a encaixar ou elaborá-las dentro da sua construção teológica. Assim, pode ocorrer que, em determinados aspectos, as pessoas alcancem maior profundidade e sabedoria teológica do que o próprio pastor²⁰³.

Outra dificuldade que pode barrar a compreensão daquilo que é verdadeiramente ansiedade e preocupação do povo no culto é a rotatividade do/a obreiro/a ordenado/a.

Esse último fator é agravado ainda mais pelo fato de o pastor ser um passageiro temporário na sua comunidade. Isso lhe dificulta ainda mais a tarefa de enquadrar o cotidiano das pessoas, sua vivência de fé, numa construção teológica e de devolver-lhes sua reflexão em linguagem entendível. Em outras palavras, fica muito difícil para o pastor enganchar nas experiências que as pessoas já fazem com Deus, para elaborar tais

¹⁹⁸ F.FABRETI, *Dinâmica para a Equipe de Liturgia*, p. 21-22.

¹⁹⁹ N.KIRST, *Culto e cultura em Vale da Pitanga*.

²⁰⁰ A pesquisa faz referência a este ministério ordenado.

²⁰¹ N.KIRST, *Culto e cultura em Vale da Pitanga*, p. 42.

²⁰² N.KIRST, *Culto e cultura em Vale da Pitanga*, p. 42.

²⁰³ N.KIRST, *Culto e cultura em Vale da Pitanga*, p. 43.

elementos como construção teológica. Mais difícil ainda é fazê-lo de modo que se articule no culto²⁰⁴.

Pode-se dizer que as ELs têm sua grande utilidade em trazer para o culto, e em todas as outras formas de celebrações²⁰⁵, a forma de linguagem, as preocupações, as ansiedades que o povo tem. Em atitude participativa, cooperativa, ministros/as ordenados/as e ELs contribuem no objetivo de inculturar²⁰⁶ o evangelho na realidade do povo. É isto que aponta a pesquisa e daí a grande importância das ELs. Afirma, ainda, o resultado da pesquisa:

As **peçoas** só conseguem captar, elaborar e articular aqueles conteúdos que: a) se encaixam no seu *sistema religioso e cultural*, que, portanto, servem ao seu *empenho pela vida*; b) têm a ver diretamente com sua vivência; e c) não são por demais abstratos para serem assimilados nas suas condições intelectuais (o que exclui teorizações e construções teológicas)²⁰⁷.

Neste sentido, as pessoas leigas têm grande relevância para que o culto comunitário torne-se ainda mais concreto e palpável. Para legitimar as equipes de liturgia diante das comunidades ou dos obreiros/as pastores-centristas, torna-se necessária uma metodologia de escolha, aprovação, capacitação e de ordenação/instalação das ELs.

4.0 – Ordenação ou instalação?

4.1 - Ordenação e Instalação na IECLB – qual a diferença?

Dos relatos bíblicos e históricos faz-se referência somente aos ritos de ordenação. J. White estranha “que a cristandade nunca tenha chegado a elaborar ritos para comemorar a entrada em vocações não-eclésiásticas”²⁰⁸. Mas diante disto fica a pergunta, qual a diferença entre ordenação e instalação? Os dois conceitos são usados na IECLB.

²⁰⁴ N.KIRST, *Culto e cultura em Vale da Pitanga*, p. 43.

²⁰⁵ Outras celebrações podem ser entendidas como encontros familiares de oração, cultos em residências, atividades com grupos na igreja, como Juventude Evangélica, OASE, Casais Reencontristas, entre outros que a comunidade pode criar.

²⁰⁶ Inculturação: “Trata-se de um processo pelo qual elementos relevantes de uma cultura local são integrados no culto de uma igreja local”. Quem desenvolve este conceito é: A.CHUPUNGO, *Dois métodos de inculturação litúrgica*, p. 1.

²⁰⁷ N.KIRST, *Culto e cultura em Vale da Pitanga*, p. 44.

²⁰⁸ J.WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 231.

A diferença está em que a ordenação é mediada pela instituição eclesial global, ou seja, a Igreja como um todo ordena, em caráter temporal indeterminado e vale para todas as comunidades que compõem a Igreja. A instalação é realizada pela comunidade local e tem caráter temporal determinado²⁰⁹. Desta forma, em relação às equipes de liturgia que possuem caráter temporal determinado, o estudo se aterá ao conceito de instalação.

4.2 - Elementos bíblicos e históricos da ordenação/instalação

No Novo Testamento os relatos sobre a ordenação/instalação são mínimos e não fazem diferenciação entre ordenação e instalação. Analisando os relatos, percebe-se que descrevem, em forma geral, a imposição de mãos, com oração, após a eleição ou indicação pelos apóstolos (At 6.1-6; 13.3; 14.23; 1Tm 4.14; 5.22; 2Tm 1.6)²¹⁰. O ato também é acompanhado de jejum e provavelmente inclui uma incumbência específica para os ordenados (At 20.28)²¹¹.

O significado da imposição de mãos é relevante para o nosso estudo. J. White lembra que a imposição é: a) um sinal da outorga de poder, b) de bênção, ou c) ato de apartar uma pessoa por parte de alguém autorizado para tal²¹².

Vejamos alguns exemplos de ordenação/instalação.

Em Atos 6.1-6 apresenta-se a seguinte dinâmica para a eleição dos diáconos: 1) Justificativa do porquê instituir diáconos (v.1-4). 2) Orientação para que se escolha “homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria”(v. 3). 3) A comunidade passa a ter um processo de eleição (v. 5), 4) apresenta-se os eleitos diante dos apóstolos, os quais “orando, lhes impuseram as mãos” (v. 6).

²⁰⁹ A.KNEBELKAMP, H.TREIN, *Liturgia: como se faz*, p. 20.

²¹⁰ J.WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 226.

²¹¹ J.WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 226.

²¹² J.WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 226.

No relato da Didaqué²¹³ (final do séc. I; original da Síria ou Palestina)²¹⁴ fala-se da eleição dos bispos e diáconos²¹⁵. A dinâmica é composta por uma escolha onde o critério é de serem “homens dóceis, desprendidos (altruístas), verazes e firmes”²¹⁶. Depois, há uma indicação para a comunidade onde se mostra qual a tarefa destes escolhidos, exercer “a liturgia dos profetas e doutores (mestres)”²¹⁷. Diante da escolha, da indicação e da tarefa a ser desenvolvida, prossegue uma orientação à comunidade para que a mesma não os despreze, “porque eles são da mesma dignidade entre vós como os profetas e doutores”²¹⁸. O relato conclui com uma admoestação comunitária para boa convivência entre os membros, bem como, orientações práticas para a continuidade do exercício cristão²¹⁹. A Didaqué não faz referência à imposição de mãos. Mas apresenta a eleição, oração, exortação comunitária e a indicação da tarefa dos escolhidos.

A Tradição Apostólica de Hipólito de Roma (redigida em cerca de 215 em Roma²²⁰), apresenta uma ordem litúrgica de ordenação de um bispo, bem mais rica em detalhes do que a Didaqué. Ela segue os seguintes passos: a) O bispo é escolhido como aquele que tem a qualidade de “irrepreensível, [e] tiver sido eleito por todo o povo”²²¹. b) “... reúna-se o povo juntamente com o *presbyterium* e os bispos presentes, no domingo”²²². c) Os bispos impõem as mãos sobre o ordenado, o presbitério permanece imóvel e todos em silêncio oram em seu coração pela descida do Espírito Santo. Após, um dos bispos “instado por todos”²²³ impõe a mão e faz oração. d) Os passos desta oração compõem-se de: 1) enumerar os atos salvíficos de Deus; 2) invocar o derramamento do Espírito Santo; 3) que o mesmo sirva adequadamente às suas responsabilidades, que são enunciadas. e) o novo bispo é saudado com o ósculo da paz; f) preside a eucaristia.

²¹³ Didaqué ou Doutrina dos Apóstolos, “testemunho literário da transmissão do depósito da fé, dos apóstolos à primeira ou à segunda geração pós-apostólica”. U. ZILLES (trad.). *Didaqué* : Catecismo dos primeiros cristãos, p. 9.

²¹⁴ S.G.RIEFF, *Diaconia e culto cristão*, p. 14.

²¹⁵ *Didaqué*, XV, p. 40.

²¹⁶ *Didaqué*, XV,1, p. 40.

²¹⁷ *Didaqué*, XV, 1, p. 40.

²¹⁸ *Didaqué*, XV, 2, p. 40.

²¹⁹ *Didaqué*, XV, 3,4, p. 40

²²⁰ S.G.RIEFF, *Diaconia e culto cristão*, p. 14.

²²¹ *Tradição Apostólica*, 4, 10, In: M.G.NOVAK (trad^o); M.GIBIN (intr.). *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma* : Liturgia e catequese em Roma no século III. p. 38.

²²² *Tradição Apostólica*, 4, 10-15, p. 38.

²²³ *Tradição Apostólica*, 6, 5, p. 38.

Estas formas, relatadas acima, apresentam o desenvolvimento das ordenações. Estes passos têm sido seguidos no desenvolvimento de liturgias de instalações e ordenações, balizam e fundamentam os ritos de ordenação/installação na atualidade. J. White, que faz um relevante estudo sobre o desenvolvimento dos ritos de ordenação, afirma que tanto as igrejas católicas, episcopais, metodistas, luteranos, coincidem em colocar a grande oração de ordenação dentro deste rito, com simultânea imposição de mãos²²⁴. White aponta para as mudanças que aconteceram oportunizando uma maior participação em forma de aclamação e promessa de apoio ao ordenado por parte da comunidade, e sugere que o rito deveria acontecer no contexto da eucaristia²²⁵.

5.0 - Características e orientações para planejar instalações de Equipes de Liturgia

A instalação de uma EL, respeitando-se a diferenciação com a ordenação²²⁶, se equipara a um ofício de ação de graças, na medida em que a comunidade reconhece e agradece a Deus pelo chamado providencial e, pelo fato, de pessoas se colocarem a serviço de Deus²²⁷. A. Baeske compara a atividade de pastores e pastoras com a função de ser moços e moças de recado de Deus²²⁸. Para isto se chama pessoas que possam servir numa EL, não em substituição ao pastor, mas em trabalho conjunto para auxiliar a comunidade a celebrar. Desta forma, na instalação, invoca-se a bênção de Deus para que os leigos/as chamados/as possam representar a comunidade cristã, lembrando que “cada vocação que serve a outras pessoas é uma vocação sacerdotal válida”²²⁹.

É importante que a indicação dos/as que vão servir na equipe de liturgia tenham um respaldo legítimo e legal da comunidade. Este respaldo é descrito nos relatos de Atos 6, Didaqué e Hipólito de Roma, quando descrevem que o ordenado/instalado era escolhido e aprovado pela comunidade. Atualizando estas orientações conclui-se que, é de suma importância tornar pública a nominata dos que irão integrar a equipe de liturgia; aprová-la pela Assembléia Geral da Comunidade, visto que é o órgão decisivo máximo das

²²⁴ J. WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 228.

²²⁵ J. WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 228-229.

²²⁶ Veja no item ordenação e instalação, p. 42.

²²⁷ J. WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 231.

²²⁸ A. Baeske, *Roteiro para encontros de preparação visando a ordenação ao pastorado junto à IECLB*, p. 316.

²²⁹ J. WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 231.

comunidades na IECLB²³⁰. A partir desta aprovação ou eleição por parte da comunidade, estas pessoas passarão a freqüentar cursos de capacitação para ELs.

Com uma equipe preparada, devidamente autorizada pela comunidade, torna-se importante planejar instalações a partir de aspectos práticos dos relatos vistos acima e a partir do que sintetiza J. White²³¹. A liturgia deve levar em conta: a) Como é destinada a pessoas, elas próprias precisam ter a oportunidade de participar ativamente. b) Promover a participação de todas as pessoas reunidas, ou seja, a comunidade. c) Leigos/as (outros participantes da comunidade) se envolverem concretamente – saudando os instalados, mostrando sua alegria por alguém que assume a tarefa ministerial. e) Apontar para qual a tarefa das pessoas instaladas. d) Apontar quais as tarefas da demais comunidade em relação aos mesmos. e) Instalação é evento de alegria – eucaristia é o sinal mais adequado de alegria e ação de graças, por que não celebrá-la como sinal de comunhão e pertença a um só corpo desde o batismo?

Levando estes passos em conta, poder-se-á criar uma EL e instalá-la para que desempenhe seu papel na vida comunitária²³². Como vimos, é pela atuação da EL que poder-se-á derrubar alguns “pré-conceitos”. Com a participação dos leigos nas celebrações, viver-se-á na prática o discipulado de iguais, o sacerdócio de todos os crentes.

²³⁰ IECLB, *Regimento Interno*, Capítulo 1, Artigo 6º.

²³¹ J. WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 230-1.

²³² Anexo 1, p. Neste anexo, propomos uma liturgia para instalação de ELs. Esta liturgia leva em conta as orientações aqui relacionadas e segue a ordem litúrgica da IECLB, a qual é de caráter ecumênica.

CONCLUSÃO

A proposta de Jesus era uma transformação do judaísmo. Objetivava uma forma de relacionamento alicerçada numa proposta de um discipulado de iguais, onde todos e todas vivessem o amor e a solidariedade ensinada pelos preceitos divinos. Como o judaísmo não reconhece em Jesus o messias anunciado, um grupo de seguidores e seguidoras inicia um movimento marginal ao judaísmo. No início deste movimento cristão, não havia separação entre leigo e clero, e os dois termos tinham outro significado, que não o usado atualmente. Mas, por influências da tradição judaica, pela diversidade de dons manifestada pelos participantes das comunidades, pelo medo de heresias e desvios do ensinamento transmitido por Cristo, toma conta, paulatinamente, uma hierarquia. Esta hierarquia, a princípio, caracteriza-se pelo serviço prestado. Torna-se necessária uma ordem, alguém que preside, sem que isto torne um superior ao outro. É nos desvios desta hierarquização que surge o termo leigo e clero.

Até o século III, mesmo com uma clericalização em pleno surgimento e vigor, os leigos ainda têm participação na vida eclesial, na vida celebrativa do culto. No período pós-constantino, com o episcopado monárquico, o leigo perde totalmente sua dignidade sacerdotal e condição de participar ativamente do sacerdócio de todos os crentes. Há uma clara diferenciação entre clero e leigos. Diante deste quadro, conclui-se que a perda de dignidade de alguns não é desejo, nem decorre da prática das primeiras comunidades cristãs, nem da proposta de Jesus. Para ela, todos os batizados e batizadas formam um discipulado de iguais. A tarefa da pregação do evangelho em palavra e ação é de todos e todas que ingressam na comunidade de fé por meio do batismo. É tarefa de todos os batizados se colocarem a serviço do evangelho.

A hierarquia proposta é necessária e útil. Mas, o seu poder advém da diaconia. Urge repensar o termo leigo e qual o seu espaço na igreja cristã. É necessário que os termos “idiotais” e “laos” não diferenciem o povo batizado. Num discipulado de iguais, entre irmãos e irmãs que nascem de um só batismo, todos e todas formam o “kleros”, o quinhão da sorte de pertencer a um só povo, por obra e graça de Deus em Jesus Cristo.

A tarefa sacerdotal de levar a mensagem de salvação, realizada por Jesus Cristo, pertence à comunidade e não a indivíduos. É incumbência divina à todos/as os batizados/as. Ministérios especiais ordenados existem para orientar, coordenar, presidir a tarefa missionária e a vivência do evangelho de Jesus Cristo. Não há o que seja específico do ministro ordenado ou do leigo. Existe, por parte da comunidade, uma delegação de função e de preparo. A comunidade delega esta função a alguém devidamente preparado para, com ela, exercer a função sacerdotal. Delega tarefas para que todos vivam na graça de Deus e possam servir em liberdade, sendo um Cristo para o próximo.

Lideranças são necessárias. Sempre existiram. Diante disso levantamos alguns questionamentos: Como desenraizar o caráter eclesiástico hierárquico dominador? Como manter uma ordem sem excluir e minimizar a ação dos leigos? Como vencer o conceito de pastor-centrismo como autoridade e membro leigo subordinado?

A concepção de pastor dono do culto, superior aos demais ministérios, dono da verdade, é prejudicial ao envolvimento de toda a comunidade em seu sacerdócio. Perde a igreja como um todo. Por isso é necessário que se trabalhe, em comunidade, nos grupos, com as pessoas, sobre a necessidade de funções e responsabilidades de cada membro deste sacerdócio. É necessária uma grande catequização, formação, conscientização para que os batizados e batizadas compreendam que Deus concede dons diferentes a cada um com o objetivo de caminhar junto, como um só corpo. É preciso que, numa conjugação de esforços, aconteça um trabalho de formação onde se alcance cristãos e cristãs para que se tornem adultos, assim como afirma o texto de Hb 5.12-14. Através dos dons exercitados se quer que o evangelho torne-se mais presente e vivo no seio da comunidade, onde Cristo é o único Senhor. Se a comunidade, verdadeiramente, re-compreender a idéia do sacerdócio de todos os crentes, do discipulado de iguais, ela se tornará menos estática, mais participativa, e, porque não afirmar, mais ecumênica. Compreender-se-á que todos/as são filhos/as do mesmo Deus num só batismo.

Pode-se concluir, até aqui, que as comunidades da IECLB estão mais presas e seguidoras da tradição prussiana do que para a luterana. Para resgatar a valorização do leigo, seu sacerdócio, a compreensão do discipulado de iguais, faz-se necessário trabalhar conceitos como ministério e ministérios na IECLB. Trabalhar em comunidade a importância do

engajamento do leigo, por exemplo, em uma equipe de liturgia. A Equipe de Liturgia, pode ser um destes caminhos para re-trabalhar a dignidade do leigo, rebuscar a vivência do discipulado de iguais, do sacerdócio de todos os crentes. Faz-se necessário, mais do que nunca, um catecumenato permanente, durante toda a vida do cristão e da cristã. Só assim se alcançará uma comunidade madura, aberta e sem pré-conceitos em relação a leigos/as participarem da liturgia, uma comunidade de iguais, uma comunidade de um só sacerdócio.

BIBLIOGRAFIA

1. *A Bíblia Sagrada*. Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Ed. Rev. e Atualizada no Brasil 2ª. Edição. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
2. *Bíblia Sagrada*. Nova tradução na linguagem de hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
3. BECK, Nestor. Introdução. In: *Pelo Evangelho de Cristo*. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo, Porto Alegre: Sinodal, Concórdia, 1984. p. 9-20.
4. BAESKE, Albérico. Roteiro para encontros de preparação visando a ordenação ao pastorado junto à IECLB. In: HOEFELMANN, Verner; SILVA, João A. M. da (Coord.). *Proclamar Liberdade*: volume 31: auxílios homiléticos sobre a Série Ecumênica Trienal – Ano B. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2005. p. 307-319.
5. BAESKE, Albérico E.G.F. *Introdução ao Assunto*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 73-9. (Obras Seleccionadas, 7).
6. BRAKEMEIER, Gottfried. Teses Referentes à Compreensão de Ministério na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 35, n. 2, p. 117-123, 1995.
7. _____. *Projeto IECLB* – Avaliação, controvérsias, propostas. Disponível na internet. <http://www.ieclb.org.br/noticia.php?id=7847>. 9 de novembro de 2005.
8. BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004.
9. CHUPUNGCO, Anscar J. Dois métodos de inculturação litúrgica. In: STAUFFER, S. Anita (Ed.). *Christian Worship: Unity in Cultural Diversity*. Geneva: The Lutheran World Federation, 1996. p. 77-94. (Traduzido por Walter O. Schlupp; material fotocopiado).
10. Clemente de Roma. *Primeira carta de São Clemente aos Coríntios*. Disponível na Internet. <http://www.geocities.com/Athens/Aegean/8990/1clement.htm>. 14 set. 2005.
11. *Confissão de Augsburgo*. 1530-1980: Confissão de Fé apresentada ao Invictíssimo Imperador Carlos V, César Augusto, na Dieta de Augsburgo, no ano de 1530. São Leopoldo: Sinodal, 1980.

12. CONSELHO DE LITURGIA DA IECLB (Coord.). *Celebrações do Povo de Deus: Prontuário litúrgico da IECLB* (edição provisória). São Leopoldo : Sinodal, 1991.
13. DIDAQUÉ. In: ZILLES, Urbano (trad.). *Didaqué* : Catecismo dos primeiros cristãos. 3. ed. Petrópolis : Vozes, 1978. (Fontes da catequese, 1)
14. DREHER, Arno. *Martim Lutero: O Intérprete do Evangelho*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1983.
15. DREHER, Luís H. Algumas idéias sobre teologia do ministério: Especificidades luteranas na convergência ecumênica com a Igreja Católico-Romana. In: Seminário Bilateral Misto Católico Romano – Evangélico Luterano. *Os Ministérios*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 37-72.
16. DREHER, Martin N. A Conceção Luterana do Ministério Eclesiástico. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 23, n. 3, p. 231-248, 1983.
17. FABRETTI, Frei. *Dinâmica para a equipe de liturgia*. Petrópolis: Vozes, 1991.
18. FAIVRE, Alexandre. *Os leigos nas origens da igreja*. Petrópolis: Vozes, 1992.
19. FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Discipulado de Iguais: uma ekklesialogia feminista crítica da libertação*. Petrópolis : Vozes, 1995.
20. FISCHER, Gerson Joni. *A organização da vida e missão das comunidades cristãs: uma análise voltada para a atualidade do significado do sacerdócio universal dos crentes em Martim Lutero*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 1991. (Dissertação de mestrado).
21. FLENDER, Otto. Laie. In: COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans. *Theologisches Begriffslexion zum Neuen Testament*. Band 2. R. Brockhaus verlag Wuppertal, 1971. V.2. p. 831.
22. Hipólito. Tradição Apostólica. In: NOVAK, Maria da Glória (trad.), GIBIN, Maucyr (intr.). *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma* : Liturgia e catequese em Roma no século III. Petrópolis : Vozes, 1971. (Fontes da catequese, 4)
23. HOCH, Lothar C. O Ministério dos Leigos: Genealogia de um Atrófiamento. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 30, n. 3, p. 256-272, 1990.
24. IGREJA CATÓLICA, DIOCESE DE CAXIAS DO SUL. *Curso de preparação para ministérios leigos*. Equipe Diocesana de Pastoral dos Ministérios Leigos, Diocese de Caxias do Sul, São Paulo: Paulus, 1997.
25. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Constituição*. 2. ed. Blumenau: Otto Kuhr, 2005.
26. _____. *Estatuto do Ministério com Ordenação*. 3. ed. 2005.

27. _____. *Livro de Culto*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
28. _____. *Nossa fé, nossa vida*: guia da vida comunitária na IECLB. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
29. _____. *Regimento Interno*. 1. ed. Blumenau : Otto Kuhr, 2002.
30. KIRST, Nelson. *Nossa Liturgia*: das origens até hoje. São Leopoldo: Sinodal, 2000. (Série Colméia, 1).
31. KIRST, Nelson. (Coord.). *Culto e cultura em Vale da Pitanga*. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 1995.
32. KNEBELKAMP, Ari.; TREIN, Hans A. *Liturgia Como se faz*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. (Série Colméia, 3).
33. KÜMMEL, Werner Georg. *Síntese Teológica do Novo Testamento*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1983.
34. KÜNG, Hans. *El Cristianismo*: esencia e historia. Madrid: Editorial Trotta, 1997.
35. LUTERO, Martinho. *Um Sermão a respeito do Novo Testamento, Isto É, a respeito da Santa Missa*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. p. 253-275. (Obras Seleccionadas, 2).
36. _____. *À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. p. 277-340. (Obras Seleccionadas, 2).
37. _____. *Do Cativo Babilônico da Igreja*. Um prelúdio de Martinho Lutero. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. p. 341-424. (Obras Seleccionadas, 2).
38. _____. *Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. p. 435-460. (Obras Seleccionadas, 2).
39. _____. *Direito e Autoridade de uma Assembléia ou Comunidade Cristã de Julgar toda Doutrina, Chamar, Nomear e Demitir Pregadores* – Fundamento e Razão da Escritura. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 25-36. (Obras Seleccionadas, 7).
40. _____. *Como instituir Ministros na Igreja*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 81-113. (Obras Seleccionadas, 7).
41. _____. *Carta do Dr. Mart. Lutero sobre os Intrusos e Pregadores Clandestinos*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 114-124. (Obras Seleccionadas, 7).

42. _____. *Exemplo de Ordenação de um Legítimo Bispo Cristão*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 114-124. (Obras Seleccionadas, 7).
43. MARTIMORT, Aimé Georges. *A Eucaristia*. Petrópolis : Vozes, 1989.(A Igreja em Oração, 2).
44. NOVAK, M. da Glória (Trad.). *Tradição apostólica de Hipólito de Roma*. Petrópolis: Vozes, 1971.
45. PASTORAL POPULAR LUTERANA. *O Povo Canta*: cancionário II da PPL. Palmitos: PPL, 1995.
46. RIEFF, Sissi Georg. *Diaconia e culto cristão*: o resgate de uma unidade e suas conseqüências para a vida das comunidades cristãs. São Leopoldo : Escola Superior de Teologia, 2003. Tese de Doutorado.
47. ROLOFF, Jürgen. *A Igreja no Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal; Centro de Estudos Bíblicos, 2005.
48. STRÖHER, Marga J. “*A igreja na casa dela*”. Papel religioso das mulheres no mundo greco-romano e nas primeiras comunidades cristãs. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 1996. (Ensaios e Monografias, 12).
49. TESCHE, Silvio. *Vestes Litúrgicas*: Elementos de Prodigalidade ou Dominação? São Leopoldo: Sinodal, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 1995. (Teses e Dissertações, 5).
50. WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

ANEXO 1

Liturgia de culto de instalação de uma Equipe de Liturgia²³³

LITURGIA DE ENTRADA

Acolhida²³⁴

A carta de Paulo em Ef 4.4-6 diz: “*Há um só corpo, e um só Espírito, e uma só esperança, para a qual Deus chamou vocês. Há um só Senhor, uma só fé e um só batismo. E há somente um Deus e Pai de todos, que é Senhor de todos, que age por meio de todos e está em todos.*”

Na certeza de que pelo batismo estamos todos unidos em um só corpo, o corpo de Cristo, dou as boas-vindas, em nome do presbitério da comunidade n.n. a todos/as que vieram de perto e longe. Vamos juntos celebrar este culto na presença de Deus, e, juntos invocar a bênção de Deus para a instalação de nossa Equipe de Liturgia. São irmãos e irmãs de nossa comunidade que se dispõem a servir, ajudando-nos a celebrar. Hoje o culto será celebrado pela Equipe e pelo P. nn. Os acolhemos cantando.

Hino²³⁵

OPC – 238 – Senhor, tu nos chamaste.²³⁶

Saudação Apostólica²³⁷

L.: A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos/as vocês.

C.: *E com vocês também.*

²³³ Grande parte das rubricas, das sugestões sobre quem preside cada parte do culto, estará apontada nas notas de rodapé. A liturgia proposta segue modelo ecumênico adotado na IECLB, veja: IECLB. **Livro de Culto**, p. 46ss. Nas abreviações L.: indica o liturgo/a, alguém da equipe de liturgia que está sendo instalada. O P.: representa o pastor/a. Usamos esta diferenciação para que se perceba a participação do pastor em momentos da liturgia, não esquecendo a compreensão de que o pastor/a é parte integrante da EL. É necessário lembrar que, dependendo do tempo eclesial em que o culto acontecer, será necessária uma adaptação. Levamos em conta, no calendário eclesial, o tempo após Pentecostes.

²³⁴ A Acolhida é feita pelo/a presidente da comunidade. O objetivo é mostrar que esta ação é realizada pela comunidade e é em cumprimento a uma decisão oficial da comunidade.

²³⁵ Enquanto a comunidade canta, ocorre a procissão de entrada dos/as liturgistas. Os e as integrantes da equipe, a ser instalada, trazem os elementos da mesa do altar, que, no momento inicial possui somente uma toalha branca. Trarão elementos litúrgicos como velas, pequeno arranjo de flor, panos com indicação da época eclesial. Trarão, também, uma bandeja de servir, bacias com água e panos, símbolos de serviço que serão usados durante a pregação.

²³⁶ As canções aqui sugeridas são do cancionário: PASTORAL POPULAR LUTERANA. **O Povo Canta.**

²³⁷ A comunidade fica em pé. A EL e o obreiro pastor ficam diante da comunidade no altar, enquanto o liturgo/a responsável, da estante de leitura, proferirá a Saudação Apostólica em nome da equipe celebrante. A comunidade, assim, responde a toda a equipe. Após, a equipe se une à comunidade e o liturgo/a responsável segue a celebração.

Oração do dia

L.: Graças te damos Deus criador, por estarmos reunidos em teu nome. Graças te damos pois vieste a nós por meio de teu filho Jesus Cristo, o qual, em amor, nos serviu com suas palavras e atitudes de amor. Ele mostrou na vivência com os seus discípulos e o povo que o seguia, que esperas que o teu amor alcance a todas as tuas criaturas e, assim, tu nos tornes dispostos a ajudar na propagação de tua palavra. Desafias os teus a que o teu amor não se reduza a meras palavras, mas que se manifeste em ações concretas de serviço e solidariedade. Por isso, abra nossas mentes e corações para que, ao ouvirmos tua palavra, possas nos conduzir a aceitarmos ao nosso próximo como teu discípulo, tua discípula que serve em amor. Por Jesus Cristo, que contigo e com o Espírito Santo reina de eternidade a eternidade.

C.: *Amém.*

Hino

OPC – 44 – Pela palavra de Deus.

LITURGIA DA PALAVRA

1ª Leitura Bíblica²³⁸

L.: Deus nos desafia a decidirmos: A quem queremos seguir? A quem queremos servir? Ouçamos o texto de Josué 24.1-2ª, 15-18.

L.: *Josué 24.1-2ª, 15-18*

2ª Leitura Bíblica

L.: No Batismo, Deus nos acolheu como filhos e filhas e nos convida a vivermos como tal, servindo a ele com todo o nosso ser. Ouçamos da carta do apóstolo Paulo aos Romanos, do capítulo 6, os versículos 12 até 23.

L.: *Romanos 6.12-23*

Aclamação do Evangelho

L.: Aclamemos com alegria e júbilo o evangelho de nosso Senhor, cantando Aleluia.

C.: *Aleluia (Milanês)*

L.: “Felizes são aqueles que não se deixam levar pelos conselhos dos maus, que não seguem o exemplo dos que não querem saber de Deus...” Aleluia.

C.: *Aleluia (Milanês)*

L.: O evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, conforme Marcos capítulo 10, os versículo 42 até 45, onde nos é mostrado que o amor de Deus transforma nossa maneira de relacionamento. Para que sirvamos a exemplo de Cristo, ouçamos:

²³⁸ As leituras serão feitas por integrantes da Equipe de Liturgia, inclusive o evangelho. Uma das integrantes da equipe coordenará este momento, chamando para as leituras.

L.: *Marcos 10.42-45*

L.: Esta é a palavra do Senhor.

C.: *Louvado sejas, Cristo*

P.: Pregação²³⁹

Confissão de Fé

Hino

OPC – 154 – *Se caminhar é preciso, caminharemos unidos.*

Liturgia de Instalação da Equipe de Liturgia

P.: Na Assembléia Geral da Comunidade, foi apresentada a nominata das pessoas que se dispuseram a participar de um curso, realizado a nível sinodal, de formação de equipes de liturgia. A nominata foi aprovada por aclamação. Hoje, como comunidade cristã reunida em nome de Deus, buscamos a sua bênção para instalar a cada um/a destes/as irmãos/ãs nesta equipe de liturgia por um período de dois anos, podendo a sua participação ser renovada posteriormente.

Leio o nome das pessoas que estão devidamente preparadas para fazer parte desta equipe, e, assim, as convido a virem até a frente do altar. Convido também o/a presidente da comunidade a participar deste momento de instalação.

Saudação

P.: A paz de Deus esteja com vocês.

Assim diz o Senhor: *“A colheita é grande, mas os trabalhadores/as são poucos/as. Por isso, peçam ao dono da plantação que mande trabalhadores para fazerem a colheita”*.²⁴⁰

Deus nos chama a servirmos. Ele concede dons e talentos, mas o desafio é colocá-los a serviço dEle e do próximo. Vocês estão se dispondo a servir na tarefa litúrgica nesta comunidade. Por isto, ouçam a exortação que faz o apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 12.4-11.

Leitura bíblica²⁴¹

1 Coríntios 12.4-11.

²³⁹ Na pregação, pode-se fazer uma breve descrição das funções de uma equipe de liturgia, lembrar do Sacerdócio Geral de todos os crentes, relacionando-os à temática de que o ministério é servir a Deus e à comunidade. Usa-se os símbolos trazidos: bandeja de servir, bacias com água e panos, para lembrar que Deus nos chama a servir. Lembrar o lava-pés, mas também a água do batismo que nos lava, limpa, para podermos servir a Deus. Bem como, trabalhar o conceito de comunidade, para que ela abra espaço para aceitar que lhe sirvam pessoas que não são perfeitas, mas, mesmo na imperfeição do ser humano, colocam-se a serviço de Deus e do próximo. Que a comunidade acolha, ore, supere qualquer pré-conceito a partir do amor.

²⁴⁰ Lucas 10.2. BÍBLIA SAGRADA, Nova tradução na linguagem de hoje.

²⁴¹ O presidente da comunidade faz a leitura.

P.: Paulo diz que há diferentes dons e habilidades, mas é um só o Espírito que nos guia. Lembro que vocês foram indicados e aclamados na Assembléia Geral desta comunidade a servirem, junto com o pastor/a, como liturgos/as. Nesta tarefa vocês exercem uma das formas de concretizar o sacerdócio geral de todos os crentes, no qual vocês, assim como todos/as nós, ingressaram pelo batismo. Como equipe de liturgia vocês testemunham que o culto é de toda a comunidade, e, por isso, vossa tarefa será a de auxiliar a comunidade a celebrar. Vocês foram preparados para auxiliar a comunidade a louvar a Deus com mais alegria, a participar mais ativamente deste privilégio de celebrar a Deus.

Pergunta

P.: Assim lhes pergunto:

Vocês querem servir a Deus neste ministério da liturgia, aqui na Comunidade de n.n. durante os próximos dois anos, confiando na graça de Deus e se prontificando a colocar vossos dons, talentos e conhecimentos a serviço da comunidade e de nosso Deus?

Instalandos/as: Sim, com a ajuda de Deus.

P.: Vocês se dispõem a trabalhar como equipe respeitando e valorizando cada membro da mesma? Queriam responder dizendo sim.

Instalandos/as: Sim, com a ajuda de Deus.

P.: Vocês se dispõem a desafiar a comunidade a participar ativamente da vida celebrativa, onde todos/as possam louvar e dar graças a Deus em culto?

Se este for o vosso sincero desejo, queiram responder: Sim, com a ajuda de Deus.

E.L.: Sim, com a ajuda de Deus

P.:²⁴² Pergunto à comunidade: vocês se comprometem com estes irmãos e irmãs a ajudá-los para que possamos celebrar com alegria ao nosso Deus?

Se comprometem a orar, compreendê-los nas falhas, superar qualquer pré-conceito a partir do amor?

Se esta é a intenção da comunidade, queiram responder dizendo: Sim, com ajuda de Deus.

C.: Sim, com a ajuda de Deus.

Oração de Bênção²⁴³

P.: Amado Senhor, desde o nosso batismo, tu nos concedes a graça de fazermos parte de teu corpo. Nos chamas a sermos colaboradores de tua obra. Nos desafia a servirmos a ti e ao nosso próximo. Por isso pedimos teu Espírito Santo, e sua bênção a estes irmãos e irmãs que estão sendo instalados na função de liturgos nesta comunidade de n.n. Ilumina e abençoa o seu servir. Dá-lhes coragem para que não

²⁴² Dirigindo-se à comunidade.

²⁴³ Neste momento a comunidade é convidada a, em pé, elevar sua mão direita sobre a EL, a qual é convidada a ajoelhar-se. Pastor e presidente da comunidade impõe as mãos sobre as pessoas integrantes da equipe.

desanimem diante das dificuldades. Ajuda-os para que possam servir para o crescimento do teu reino e não buscar crescimento pessoal. Dá-lhes sabedoria e amor para que possam auxiliar esta comunidade a celebrar com alegria e com gratidão. Por Jesus Cristo, nosso único Senhor e Salvador. Amém.

Voto²⁴⁴

P.: Em nome de Deus, na orientação do Espírito Santo, vos declaro instalados na função de liturgos e liturgas nesta comunidade.

Presidente da comunidade:²⁴⁵ Exerçam com fé e fidelidade esta tarefa a qual foram instalados. Que Deus vos ilumine e oriente, para que possam contribuir na edificação da comunidade.

Hino

OPC – 86 – Corpo

Oração geral da Igreja²⁴⁶

Agradecimentos: C.: *Graças, Senhor! Graças, Senhor! Por tua bondade, teu poder, teu amor: Graças, Senhor!*

Pedidos: C.: *Inclina, Senhor, teu ouvido, escuta o nosso clamor.*

LITURGIA DA CEIA DO SENHOR

Hino²⁴⁷

OPC – 256 – Se meu irmão me estende a mão

Oração do Ofertório

L.: Bendito sejas, nosso Deus, por tudo que teu amor já nos concedeu. Bendito sejas por tua imensa generosidade e porque és Deus justo. Em gratidão a ti colocamos em tuas mãos parte do que nos deste. Assim nos oferecemos a nós mesmos para servir ao cuidado de tudo que criaste..

C.: *Bendito sejas para sempre*

²⁴⁴ Pede para que os liturgos se coloquem em pé.

²⁴⁵ Presidente da comunidade cumprimenta a cada instalado/a com um aperto de mão enquanto a comunidade demonstra sua alegria com uma salva de palmas. Logo é convidada a cantar o próximo hino.

²⁴⁶ Pastor se dirige à comunidade e pergunta por motivos de gratidão e por intercessões. Após contribuições espontâneas canta-se. Em caso de agradecimentos canta-se, graças Senhor; em caso de pedidos canta-se, inclina, Senhor. Partituras In: IECLB, *Livro de Culto*, p. 349 e 351.

²⁴⁷ Durante o hino se faz o recolhimento das ofertas e busca-se os elementos para a celebração da ceia (pão, cálice, jarras com vinho). Os liturgos instalados recolhem as ofertas e buscam os elementos.

L.: Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém

Prefácio

L.: O Senhor seja com vocês.

C.: *E com você também.*

L.: Elevemos os corações.

C.: *Ao Senhor os elevamos.*

L.: Demos graças ao Senhor, nosso Deus.

C.: *Isto é digno e justo.*

L.: Sim, é digno, justo e do nosso dever que, em todos os tempos e lugares, rendamos graças a ti, Deus eterno e todo-poderoso, por Jesus Cristo, nosso Senhor, o qual enviou os seus a levarem o Evangelho a toda a criatura e assim te servirem, prometendo estar com eles até o último dia. Por isso, com toda a tua Igreja e os coros celestiais, louvamos e adoramos teu glorioso Nome, cantando e exaltamos o teu nome.

C. *canta: Santo, santo, santo é o Senhor, Deus do universo, os céus e a terra estão plenos da tua glória! Hosana nas alturas! Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nas alturas! Hosana!*²⁴⁸

Oração Eucarística²⁴⁹

P.: (*orando*) Bendito sejas, Senhor da terra e dos céus, que tiveste piedade de nós, criaturas caídas, e nos enviaste teu Filho para que viesse nos salvar. E ele, obediente à tua vontade, ofereceu-se em sacrifício para libertar os oprimidos e preparar para ti o Povo da nova e eterna aliança.

Diante de ti, ó Deus, recordamos que: Na noite em que foi traído, ele, nosso Senhor Jesus Cristo, tomou o pão, rendeu graças, o partiu e o deu a seus discípulos, dizendo: “Tomal e comei, isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim.”

A seguir, ó Deus, depois de cear, Jesus *tomou também o cálice*, rendeu graças e deu a seus discípulos, dizendo: “Bebei dele todos, porque este cálice é a nova aliança no meu sangue, derramado em favor de vós, para remissão dos pecados. Fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim.”

P.: (*olhando para a comunidade*) Portanto, todas as vezes que comeis deste pão e bebeis deste cálice, anunciais a morte do Senhor, por nós, até que ele venha.

C.: *Anunciamos, Senhor, a tua morte, e proclamamos a tua ressurreição. Vem, Senhor Jesus!*

P.: (*orando*) Assim, Senhor, celebramos a memória da vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo por todos nós. E te rendemos ações de graças que nos consagraste no Batismo para servir-te no sacerdócio da nova aliança. Derrama o teu

²⁴⁸ Partitura In: IECLB, *Livro de Culto*, p. 355.

²⁴⁹ A presente oração eucarística consta em: IECLB, *Celebrações do povo de Deus*, p. 85.

Espírito Santo para que, compartilhando do corpo e sangue de Cristo, nos transformemos em oferendas vivas que proclamam o teu Reino.

*C.: (canta) Por Cristo, com Cristo e em Cristo, seja a ti, Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda honra e toda glória, agora e para sempre. Amém. Amém. Amém.*²⁵⁰

Pai-nosso

Gesto da Paz

P.: Cristo manifestou seu anseio por paz. Ele oferece a paz a todos; a paz que transforma pessoas, que restabelece relações rompidas, que promove perdão, partilha e reconciliação. Apesar das nossas divergências, desejamos e nos empenhamos pela paz para juntos podermos servir com alegria e gratidão a nosso próximo e a nosso Deus. Vamos manifestar essa disposição com o gesto de reconciliação, desejando a paz de Cristo uns aos outros.

Fração

P.: O cálice da bênção que abençoamos é a comunhão do sangue de Cristo; o pão que repartimos é a comunhão do corpo de Cristo.

*C.: (canta) Nós, embora muitos, somos um só corpo.*²⁵¹

Comunhão²⁵²

L.: Tudo está preparado. Todos são bem-vindos à mesa do Senhor. Quem convida é o Senhor, que nos une em um só sacerdócio. Dai graças ao Senhor porque Ele é bom,

C.: e a sua misericórdia dura para sempre!

LITURGIA DE DESPEDIDA

Avisos gerais

Hino

OPC – 39 - Obrigado Pai Celeste.

Bênção²⁵³

P.: O Senhor vos abençoe e vos guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre vós e tenha misericórdia de vós; o Senhor sobre vós levante o seu rosto, e vos dê a paz.

²⁵⁰ Partitura In: IECLB, *Livro de Culto*, p. 359.

²⁵¹ Partitura In: IECLB, *Livro de Culto*, p. 363.

²⁵² Os elementos serão distribuídos a pequenos grupos formados nos próprios bancos ou cadeiras onde a comunidade está. A EL e o pastor levarão os elementos em duplas para a comunidade.

²⁵³ Junto com o pastor, toda a equipe de liturgia impõe as mãos. Enquanto isto, o pastor recita a bênção.

Em nome de Deus o Pai, Filho e Espírito Santo.

C.: Amém.

Envio

P.: Ide em paz e servi ao Senhor.

C.: Demos graças a Deus.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)